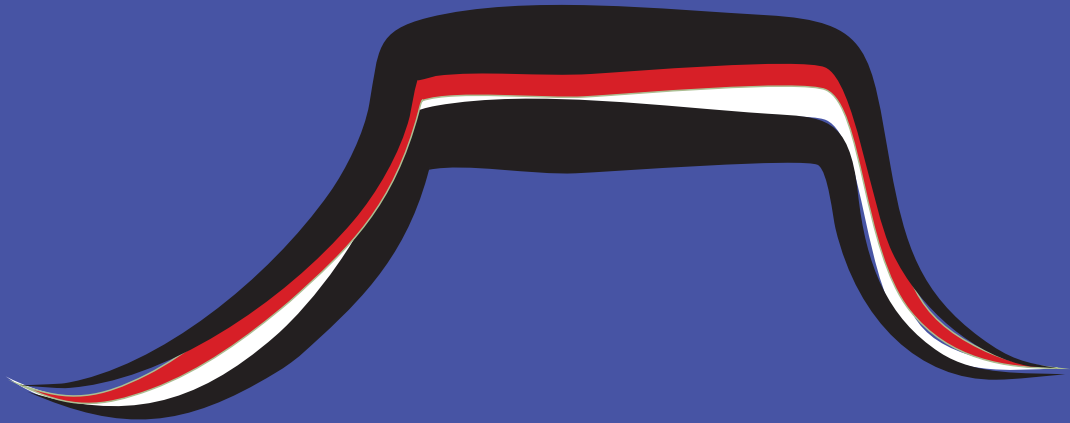


COLEÇÃO
COMUNICAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS



CULTURA POPULAR E FOLKCOMUNICAÇÃO

Um estudo dos festejos do Boa Vista Junina

HUDSON DO VALE DE OLIVEIRA



CULTURA POPULAR E FOLKCOMUNICAÇÃO
Um estudo dos festejos do Boa Vista Junina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR



Reitor:
Jefferson Fernandes do Nascimento

Vice-Reitor:
Américo Alves de Lyra Júnior

Pró-Reitora de Ensino e Graduação:
Lucianne Braga Oliveira Vilarinho

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR:
Cezário Paulino Bezerra de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda
Alexander Sibajev
Edlauva Oliveira dos Santos
Cássio Sanguini Sérgio
Georgia Patrícia Ferko da Silva
Guido Nunes Lopes
Lourival Novais Neto
Luís Felipe Paes de Almeida
Madalena Vange Medeiros do Carmo
Rileuda de Sena Rebouças
Silvana Túlio Fortes
Wagner da Silva Dias



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av . Cap . Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP .: 69.304-000. Boa Vista - RR - Brasil
Fone: +55.95.3621-3111 e-mail: editoraufrr@gmail.com

A Editora da UFRR é filiada à:



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR



CULTURA POPULAR E FOLKCOMUNICAÇÃO

Um estudo dos festejos do Boa Vista Junina

HUDSON DO VALE DE OLIVEIRA



BOA VISTA/RR
2019

Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA

EXPEDIENTE

Revisão

Hudson do Vale de Oliveira

Capa

Berto Batalha Machado Carvalho
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e

Diagramação

Berto Batalha Machado Carvalho
Elói Martins Senhoras

Organizadores da Coleção

Elói Martins Senhoras
Maurício Zouein

Conselho Editorial

Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Maurício Elias Zouein
Sandra Gomes
Sônia Costa Padilha

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

O 48c OLIVEIRA, Hudson do Vale de.

Cultura popular e folkcomunicação: um estudo dos festejos do Boa Vista Junina. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, 109 p.

Coleção: Comunicação e Políticas Públicas, v. 54. Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein (organizadores).

ISBN: 978-85-8288-223-8

1- Comunicação. 2 - Cultura Popular. 3 - Festa Junina. 4 - Manifestação Popular.
I - Título. II - OLIVEIRA, Hudson do Vale de. III - Série

CDU – 316.72(811.4)

FICHA CATALOGRÁFICA: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFRR

A exatidão das informações, conceitos e opiniões são de exclusiva responsabilidade do autor.

EDITORIAL

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), criou a “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” com o objetivo de divulgar livros de caráter didático produzidos por pesquisadores da comunidade científica que tenham contribuições nas amplas áreas do conhecimento.

O selo “Coleção Comunicação & Políticas Públicas” é voltado para o fomento da produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância científica e didática para atender aos interesses de ensino, pesquisa e extensão da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo.

As publicações incluídas na coleção têm o intuito de trazerem contribuições para o avanço da reflexão e da práxis em diferentes áreas do pensamento científico e para a consolidação de uma comunidade científica comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates nestas áreas.

Concebida para oferecer um material sem custos aos universitários e ao público interessado, a coleção é editada nos formatos impresso e de livros eletrônicos a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Elói Martins Senhoras, Maurício Elias Zouein
(Organizadores da Coleção Comunicação & Políticas Públicas)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1 Identidade quadrilheira e o caminho percorrido	17
CAPÍTULO 2 Aspectos contextuais: Roraima, Boa Vista e Boa Vista Junina	25
CAPÍTULO 3 Folkcomunicação: um elo entre Comunicação, Folclore e Cultura Popular	39
CAPÍTULO 4 O Boa Vista Junina como um processo simbólico de comunicação	53
CAPÍTULO 5 Boa Vista Junina no olhar do Grupo Junino Sinhá Benta	67
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	87
REFERÊNCIAS	91
SOBRE O AUTOR	101

Dedico esta obra ao Deus da minha vida por me conceder essa rica oportunidade e por sempre estar ao meu lado. A toda minha família, especialmente, aos meus pais, Manoel (in memoriam) e Sebastiana, por todo amor, carinho e confiança que sempre depositaram em mim. A minha mãe, Neuza, pela parceria de sempre.

Hudson do Vale de Oliveira

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O São João representa, especialmente no Nordeste brasileiro, um período do ano em que os festejos juninos se caracterizam como eventos que movimentam as cidades, englobando funções que vão do lúdico ao econômico.

Nestes festejos, uma das grandes atrações têm sido as quadrilhas juninas, que se configuram como um espaço onde há construção e ressignificação de sentidos, por meio da preparação e da apresentação de espetáculos que envolvem o tradicional, especialmente fortalecendo a cultura popular, e o contemporâneo.

Em Boa Vista, Roraima, os festejos juninos têm colocado a cidade numa posição de destaque, sendo esta considerada, pelo número de participantes, por exemplo, o Maior Arraial da Amazônia, com a realização do Boa Vista Junina, promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista.

No evento, anualmente, vinte e quatro quadrilhas se apresentam, sendo doze do grupo especial e doze do grupo de acesso, buscando o título de campeã, em cada grupo. Uma dessas quadrilhas é o Grupo Junino Sinhá Benta (GJSB), que tem apenas seis anos de fundação e faz parte do grupo especial.

Diante dessa contextualização, buscou-se analisar o evento Boa Vista Junina, enquanto manifestação popular, de expressão cultural, à luz da folkcomunicação, teoria genuinamente brasileira de Luiz Beltrão, na percepção do GJSB. Para tanto, formulou-se o seguinte questionamento: de que maneira o GJSB pode ser compreendido como um processo de comunicação de acordo com a matriz teórica da Folkcomunicação?

No âmbito teórico, o livro aborda a teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão, buscando relacionar a comunicação, o folclore e a cultura popular. O livro retrata que o evento Boa Vista Junina vai além de um mero acontecimento festivo.

Além de abordar o lúdico, por meio das diversas temáticas que são apresentadas pelas quadrilhas juninas, o evento aquece a economia do município, promove geração de renda, por meio de empregos diretos e indiretos, apresenta cunho político, especialmente pela participação dos representantes do povo nos grupos juninos, na condição de destaque ou não, e, inclusive, apresentam uma contribuição social, uma vez que por meio da interação do grupo e por meio da dança, muitos jovens passam a traçar objetivos de vida.

Por meio das abordagens teóricas consideradas, alguns questionamentos que este livro visa responder, considerando a teoria da Folkcomunicação, com foco no Boa Vista Junina, no olhar do Grupo Junino Sinhá Benta são: como situar a festa junina como expressão da cultura popular? Como expressão do folclore? E como expressão da comunicação?

Para isso, o livro seguiu a proposta de Jardim *et al.* (2016) dentro de uma perspectiva teórico-metodológica dos estudos folkcomunicacionais, com uma abordagem mais etnometodológica da comunicação (pesquisa etnográfica de observação participante), considerando as interações e as vivências cotidianas no âmbito do Grupo Junino Sinhá Benta e foram realizadas entrevistas com alguns dos destaques do Grupo Junino Sinhá Benta e com uma representante da diretoria do grupo.

O espetáculo produzido pelo GJSB retrata fé, esperança e muita emoção. A cada encenação, a cada coreografia foi possível perceber a interação do grupo que reagia, com lágrimas, com aplausos, com expressões. Assim, a atmosfera criada durante a apresentação do espetáculo produzido pela quadrilha envolveu o emissor (GJSB), a mensagem, por meio do espetáculo realizado, e o receptor, que reagiu ao espetáculo.

Essa obra, além dessa apresentação, conta com cinco capítulos e considerações finais acerca das reflexões propostas. O primeiro capítulo apresenta elementos relacionados à identidade quadrilheira e aos aspectos metodológicos que subsidiaram as reflexões. O segundo capítulo traz uma contextualização de Roraima, de Boa Vista e, especialmente, dos Festejos

Juninos e das Quadrilhas Juninas. O terceiro capítulo apresenta a Teoria da Folkcomunicação e alguns conceitos relacionados a essa teoria e à perspectiva teórica aqui proposta, a saber: comunicação, folclore e cultura popular. O quarto capítulo apresenta o evento Boa Vista Junina como um processo simbólico de comunicação, na perspectiva do emissor, da mensagem e do receptor. O quinto capítulo traz percepções do Boa Vista Junina no olhar do Grupo Junino Sinhá Benta.

O livro contribuirá para as discussões sobre a temática cultural, com foco no movimento quadrilheiro, não só com relação à comunicação e seus diversos desdobramentos, conforme aqui proposto, mas em diferentes perspectivas.

CAPÍTULO 1

Identidade quadrilheira e o caminho percorrido

IDENTIDADE QUADRILHEIRA E O CAMINHO PERCORRIDO

Abordar a temática cultural e, mais especificamente, o período junino e o movimento quadrilheiro, por meio das quadrilhas juninas é algo que me estimula. Afinal, porque não associar o útil ao agradável, resolvendo escrever sobre um tema que me traz alegria, permite-me integração social e, inclusive, possibilita-me qualidade de vida?

Como quadrilheiro que sou, construir um espaço na academia que possibilitasse a discussão de temas relacionados ao período junino se tornou um grande desafio, pois os estudos realizados sobre este tema ainda são escassos, pelo menos no Estado de Roraima.

Observa-se a escassez de estudos voltados para o movimento quadrilheiro, especialmente vinculando-o a comunicação e os seus múltiplos desdobramentos, uma vez que o foco dos estudos que existem sobre este movimento analisa aspectos históricos, deixando de lado os seus protagonistas, ou seja, os brincantes das quadrilhas juninas ou, em outras palavras, os quadrilheiros.

Ser quadrilheiro não é simplesmente decorar uma coreografia e apresentá-la em um determinado momento, quando isto é solicitado. A emoção particular e do grupo envolvido no processo de preparação e de produção do espetáculo é algo inexplicável que chega a causar, inclusive, arrepios.

Como homens, temos a necessidade de manifestar a nossa arte, a nossa cultura, como uma forma de expressão de múltiplos sentidos. Assim, por meio da quadrilha junina, conseguimos externar a nossa cultura e, simultaneamente, promovemos uma integração social, quando várias culturas são entrelaçadas por um objetivo maior, ou seja, manter viva a cultura junina e, mais especificamente, consolidar o movimento quadrilheiro no Estado de Roraima.

Assim, diante da necessidade de estudos voltados ao tema em questão, em função das lacunas existentes, e considerando a importância

cultural do período junino, pensou-se em refletir sobre o movimento quadrilheiro, enquanto manifestação cultural, bastante expressiva na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, considerando a teoria da folkcomunicação.

Para tanto, considerou-se o maior evento do movimento quadrilheiro na capital, que é o Boa Vista Junina, evento promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista.

O período junino apresenta uma das festas mais populares do Brasil, o São João, especialmente na região nordeste, podendo ser considerada, até mesmo, como o berço dessa festa tradicional, e que, a cada ano, tem ganhado representatividade na região norte, na qual o Estado de Roraima tem se destacado como o Maior e Melhor Arraial da Amazônia.

Os festejos juninos, manifestação cultural bastante expressiva, normalmente abrangem todo o mês de junho, tendo variações de região para região de quando se inicia e é finalizado.

Várias pessoas são envolvidas nas atividades atreladas à essa festa. Uma dessas atividades, e porque não dizer a principal delas, é o concurso de quadrilhas juninas, que envolve um grande número de pessoas, não só no dia da apresentação da quadrilha, mas durante todo o processo de produção e de preparação. Afinal, a cada ano, as quadrilhas estão se especializando mais e inovando em diferentes vertentes: temática, figurino, repertório musical, coreografias, etc. Tudo isso para “disputar”, e quem sabe garantir, o título de campeã no final do concurso.

Roraima tem se destacado durante o período junino. A cada ano, os eventos relacionados a este período crescem cada vez mais e atraem um público ainda maior que o ano anterior. Esse destaque, em grande parte, deve-se aos concursos de quadrilhas que movimenta, desde o início do ano, ou até mesmo antes, várias pessoas que atuam diretamente na apresentação do espetáculo ou nos bastidores para que tudo saia conforme o planejado.

Nesse contexto, partimos da ideia de que essa manifestação popular se constitui como um amplo processo de comunicação, composto

pela circularidade do modelo: emissor, mensagem, receptor, cultura, emissor, mensagem, receptor e, assim, sucessivamente. A teoria, genuinamente brasileira, que auxilia na compreensão desta perspectiva é a folkcomunicação (BELTRÃO, 2001).

Assim, diante dessas considerações iniciais, entendendo a cultura como um processo de interação e que essa interação, à luz da Folkcomunicação, está relacionada ao processo de comunicação e as manifestações populares, dentre elas a questão dos festejos juninos, a problemática é: de que maneira o Grupo Junino Sinhá Benta pode ser compreendido como um processo de comunicação de acordo com a matriz teórica da Folkcomunicação?

Assim, o corpus deste livro apresenta como objeto de estudo o evento Boa Vista Junina como uma manifestação cultural de caráter comunicativo, a partir do Grupo Junino Sinhá Benta.

Neste sentido, este livro busca analisar o evento Boa Vista Junina, enquanto manifestação popular, de expressão cultural, na perspectiva da folkcomunicação, na percepção do Grupo Junino Sinhá Benta.

De forma específica, os objetivos são: a) refletir alguns aspectos que estão relacionados à produção, à mensagem e à recepção do Grupo Junino Sinhá Benta como um processo comunicacional; b) analisar como o público ressignifica o Boa Vista Junina; e c) identificar os sentidos que são elaborados sobre o evento, na percepção dos brincantes/público.

Para dar respaldo as reflexões sobre o Boa Vista Junina enquanto manifestação cultural/popular que apresenta expressividade na capital do Estado de Roraima, o referencial teórico apresentado retrata aspectos importantes com foco na Folkcomunicação, tratando alguns conceitos necessários para fundamentar a perspectiva teórica do estudo, tais como: a comunicação, o folclore e a cultura popular.

O livro se caracteriza como bibliográfico e exploratório, com uma abordagem qualitativa e, considerando a percepção de representantes do Grupo Junino Sinhá Benta, de forma a contribuir para o alcance dos objetivos propostos, pode ser definido, também, como um estudo de caso.

Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e de artigos científicos. Silva (2017) ressalta que a pesquisa bibliográfica não consiste em uma mera repetição do que já foi abordado sobre determinado assunto, mas proporciona a percepção de certo tema sob novas perspectivas de enfoque e de abordagem, possibilitando, inclusive, novas conclusões.

Segundo Serafim (2015), na pesquisa exploratória, o pesquisador vislumbra uma maior familiaridade com o tema estudado. Nesta perspectiva, cabe ressaltar que aqui exerço papel triplo, pois ao mesmo tempo em que sou pesquisador, uma vez que desenvolvo a proposta, atuo como brincante (do Grupo Junino Sinhá Benta, contribuindo, portanto, com percepções de observação participante), mas também sou público, uma vez que prestigio as apresentações dos outros grupos juninos, não só como espectador, mas também com foco de comparar o desempenho destes.

A forma de abordagem foi qualitativa. Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007) a pesquisa qualitativa é uma propriedade de ideias, de coisas e de pessoas que permite que sejam diferenciadas entre si de acordo com as suas naturezas e suas características.

O desenvolvimento do livro seguiu a proposta de Jardim *et al.* (2016) dentro de uma perspectiva teórico-metodológica dos estudos folkcomunicacionais, de forma a refletir sobre cultura popular e manifestações culturais, ou populares, com foco na efetividade dos processos de interação, de apropriação e de ressignificação da realidade dentro do contexto do objeto – O Boa Vista Junina e, mais especificamente, o Grupo Junino Sinhá Benta.

Ainda seguindo a proposta de Jardim *et al.* (2016), com uma abordagem mais etnometodológica da comunicação (pesquisa etnográfica de observação participante), consideramos as interações e as vivências cotidianas no âmbito do Grupo Junino Sinhá Benta, com foco na realização dos ensaios, dos eventos do grupo em questão e dos mutirões realizados para produção do figurino, por exemplo, especialmente por meio de observações e de entrevistas, com alguns representantes do grupo.

Foram realizadas entrevistas com alguns dos destaques do Grupo Junino Sinhá Benta e com uma representante da diretoria do grupo. A escolha destes para a realização das entrevistas se deu em função de apresentarem, no grupo, uma espécie de liderança, o que considerando a teoria da Folkcomunicação são chamados de agentes folkcomunicacionais ou líderes de opinião. Assim, em função dessa liderança, por meio do processo de interação, eles conseguem garantir a efetivação do processo comunicacional.

Além disso, destaca-se que os brincantes, especialmente, os que participaram das entrevistas, juntamente com a representante da diretoria do grupo, ora são brincantes, mas ora representam o público. Logo, o brincante é também um receptor (ressignificador e produtor de sentidos) da (s) mensagem (ns) do Boa Vista Junina, por meio dos temas, ou espetáculos, que são apresentados pelos grupos juninos durante a realização do evento.

As entrevistas realizadas foram semiestruturadas, com foco no alcance dos objetivos propostos. Assim, cada brincante, inicialmente, respondeu a pergunta: qual é a sua trajetória no movimento quadrilheiro? Posteriormente, considerando os objetivos definidos, os brincantes responderam as seguintes perguntas: a) como você considera a produção do espetáculo a ser apresentado pelo Grupo Junino Sinhá Benta? Como analisa a mensagem a ser repassada para o público que assiste ao espetáculo? Enquanto brincante, como recebe a mensagem a ser repassada pelo tema? b) Enquanto público participante do evento e, mais especificamente, sendo espectador dos outros grupos juninos, como ressignifica o evento Boa Vista Junina? e c) Quais os sentidos que você elabora sobre o evento?

A realização das entrevistas seguiu a perspectiva da transmetodologia, que se refere, em geral, à diversificação das estratégias de investigação na área das ciências humanas (MALDONADO, 2002; 2008; 2015; AGUIAR, 2011), sendo adotada, portanto, a entrevista presencial e a entrevista digital utilizando o aplicativo *WhatsApp Messenger*, por meio de textos e de áudios, deixando os entrevistados à vontade na apresentação de suas respostas.

Segundo Maldonado (2015), respaldando a utilização dessa estratégia metodológica, o instrumentalismo funcionalista no campo da comunicação precisa ser superado urgentemente, uma vez que limita as pessoas a realizarem práticas repetitivas. Ratifica, ainda, que tal instrumentalismo proporciona práticas pouco inteligentes, que são mentalmente domesticadoras e reduzem as possibilidades inventivas, lúdicas, cognitivas e comunicacionais, que são potencializadas pelas atuais tecnologias.

Haguette (2007) destaca que a pesquisa etnográfica de observação participante é uma importante técnica de coleta de dados. O método consegue um processo de interação entre as teorias e os métodos dirigidos pelo pesquisador, resultando tanto em conhecimento da perspectiva humana, quanto da própria sociedade.

Também foi contemplado o registro visual. Benjamin (2004), abordando sobre o acervo visual, enfatiza que ele é necessário para os estudos folclóricos, uma vez que a folkcomunicação ocorre em formas não apenas linguísticas, mas também icônicas. Assim, de acordo com o autor, para se analisar estas formas de comunicação faz-se necessário um acervo visual que possa contribuir com esta análise, pois cada cor, cada forma e cada gesto estão carregados de herança e de informação.

Quando necessário, o acervo visual (imagens) seguiu o modelo descrito por Fernandes (2009), por meio de pranchas fotográficas (pranchas visuais), que é um recurso empregado na etnografia visual. Essas pranchas visuais apresentam, em geral: título, mapa demonstrativo e comentários específicos sobre cada imagem apresentada. Vale ressaltar que essa técnica ajuda na construção de uma análise verbo-visual.

Segundo Silva (2017), as imagens são parte importante na busca dos objetivos aqui propostos, pois por meio delas é possível ter uma ideia das interações e das relações sociais existentes, especialmente com foco nas ações do Grupo Junino Sinhá Benta. Ainda ratifica que, para além do registro visual, as imagens buscam unir a leitura ao aspecto visual, levando-o a uma narrativa que é fundamental para a realização de algumas reflexões sobre o objeto.

CAPÍTULO 2

*Aspectos contextuais:
Roraima, Boa Vista e Boa Vista Junina*

ASPECTOS CONTEXTUAIS: RORAIMA, BOA VISTA E BOA VISTA JUNINA

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) a Amazônia engloba vários países da América do Sul, porém sua maior parcela encontra-se em território brasileiro, que corresponde a 63% do total da sua área. Além disso, é importante destacar que esse percentual também é impressionante quando se compara as dimensões do Brasil, pois a Amazônia corresponde a quase metade do território nacional (MDA, 2010).

O Estado de Roraima representa uma das nove unidades que integram a Amazônia Legal, situando-se no extremo norte do território brasileiro, o que lhe confere a particularidade de possuir a maior parte de suas terras no Hemisfério Norte (MDA, 2010).

Apresenta limites internacionais que se estendem por 958 Km, com a Venezuela e 964 Km, com a Guiana, totalizando, portanto, 1.922 Km de fronteiras, faixa considerada de Segurança Nacional, que lhe confere uma posição estratégica no que se refere as relações internacionais entre o Brasil e esses países (MDA, 2010).

Roraima, segundo o Censo 2010 (IBGE, 2012), ocupa uma área de 224.301,040 Km². Em extensão territorial, esse Estado ocupa o 14º lugar em relação aos demais Estados. Possui 15 municípios e apresenta 522.636 habitantes. As 10 cidades mais populosas do estado de Roraima são: Boa Vista (332.020), Rorainópolis (28.215), Caracaraí (20.807), Cantá (16.877), Mucajaí (16.852), Alto Alegre (15.933), Pacaraima (12.375), Bonfim (11.945), Amajari (11.560) e Iracema (10.859).

Trata-se de um Estado novo e está distante dos grandes centros econômicos do país. Em função disto, é possível entender que o Estado ainda sofre com o lento desenvolvimento, assim como perceber que a falta de atrativos impede, ou impossibilita, que empresas se instalem e invistam em projetos locais (SOUSA, 2007).

Silva (2011) destaca que, assim como a maioria dos Estados da região Norte, Roraima possui a maior parte de sua cultura atrelada às raízes indígenas. Porém, ressalta-se que outras identidades culturais se uniram às já existentes e, portanto, formaram uma expressão cultural, que é própria da região.

O perfil empresarial roraimense está fundamentado, basicamente, em micro e pequenas empresas que são constituídas, na sua grande maioria, por empresas individuais e, também, por sociedade por quotas que apresentam responsabilidade limitada.

O fortalecimento empresarial do Estado de Roraima está atrelado a uma perspectiva de desenvolvimento que, num primeiro momento, está relacionada à consolidação da produção de bens primários que garantam, em curto prazo, o auto-abastecimento interno, inclusive em crescentes níveis de processamento industrial e cujo padrão tecnológico seja compatível com o atual estágio de desenvolvimento regional (MDA, 2010).

A maior parte da população encontra-se na capital Boa Vista, sendo que a maior fonte de renda vem de empregos públicos. As dificuldades acerca do desenvolvimento do Estado, que é repleto de belezas naturais, aumentam com um cenário político instável (SOUSA, 2007).

É importante ressaltar que a migração¹ de pessoas para o Estado, principalmente do nordeste do país foi, e tem sido, um fator relevante para a formação da cultura local. Essa migração tem acontecido, em sua maioria, graças às políticas públicas de colonização e de povoamento que foram fomentadas pelo governo brasileiro a partir dos anos 30 (Era Vargas) e com o surgimento de grande movimentação de migrantes em decorrência das atividades do garimpo nos anos 1980 (SILVA, 2011).

No período do São João, os eventos juninos que não só caracterizam, mas também apontam o Estado de Roraima como o maior e o melhor Arraial da Amazônia, englobam várias atividades que ocorrem

¹ Destaca-se também a migração contemporânea; cenário transnacional, Venezuela.

de forma paralela, muito embora a grande atração fique por conta das quadrilhas juninas, em função dos concursos que são promovidos.

As festas promovem a criatividade, o compartilhamento de experiências e as memórias coletivas por meio de diferentes elementos como: as danças, as músicas, os ritos, as comidas, as brincadeiras, os jogos e as superstições. Silva (2017) destaca que o ato de festejar é portador de valores significativos em nossa cultura. Dentre estes valores, temos: o convívio, o reencontro de parentes, a diversão e o entretenimento, a nostalgia e o sentido da nossa vida em sociedade.

Para Melo (2000) as festas se caracterizam como processos comunicacionais. Essa caracterização ocorre na medida em que agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento.

De acordo com Gobbi (2007) por meio das manifestações culturais de um povo é possível demonstrar as composições global, participativa e interativa nos múltiplos cenários globalizados.

As festas juninas vêm se configurando num amplo campo para o desenvolvimento de pesquisas na área da Folkcomunicação. Dessa forma, a apropriação de elementos da cultura Folk pela mídia, e vice-versa, tem consolidado as comemorações juninas (SOUSA, 2007).

Segundo Barroso e Frota (2012), as festas juninas ganharam proporções de grandes espetáculos. Assim, essas festas apresentam uma organização complexa, na qual os envolvidos, de maneira direta ou indireta, assumem papéis que antes nem se imaginava.

É importante destacar que os festejos juninos representam, geralmente, a celebração da colheita farta, das boas chuvas, da preparação de um novo plantio e, até mesmo, a renovação da esperança para dias melhores se for um ano de seca (SILVA, 2017).

Para Trigueiro (1998), as tradições vinculadas aos festejos juninos representam nos seus tempos e espaços, um passado que está no nosso imaginário, mas que continua sendo representado nos dias atuais. Para o

autor, o importante é o acompanhamento da evolução dos fatos culturais destes festejos sem perder o rumo da história e das novas tecnologias.

Neste sentido, Silva (2017) ressalta que as mudanças colocam em evidência os valores comunitários, bem como a relação do povo enquanto primeiro produtor e mantenedor de sua festa, uma vez que esta ajuda na transformação do entendimento sobre o pertencimento, que constitui a força motora das manifestações populares.

Moutinho (2008) destaca que a festa junina é, essencialmente, uma festa do interior. Neste sentido, trata-se de uma festa que apresenta elementos atrelados ao interior como, por exemplo, às tradições do campo, às fartas colheitas e, inclusive, o clima matuto.

Um elemento importante nas festas juninas (ou festejos juninos) diz respeito às quadrilhas juninas, que tornam as festas ainda mais animadas e coloridas. Silva (2017) destaca que as quadrilhas juninas são o espetáculo de qualquer festa junina pelo Brasil.

Nesta perspectiva, de acordo com Vedovato (2014, p. 9), “a quadrilha junina se tornou uma manifestação lúdica e fez com que as apresentações pagãs, que no grego significa popular, se tornassem mais fortes, independente da relação religiosa”.

Como elemento norteador desta proposta não poderia deixar de considerar o meu processo de formação cultural e minha experiência ao longo destes quatro anos efetivamente dentro do universo quadrilheiro, tanto na condição de brincante quanto na condição de destaque e também, claro, na condição de público do evento.

Sou nordestino e, por natureza regional, o São João é uma das festas das quais mais me recordo da época de infância. Não apenas das comidas típicas quase que “colocadas em um pedestal”, como se apenas naquele período fosse possível adquiri-las, consumi-las. Será que no período junino o milho era diferente e, portanto, essas comidas ficavam mais saborosas? É um questionamento válido. Mas, como eu dizia: não apenas das comidas, mas também das vezes em que íamos, eu e alguns familiares, assistir as apresentações das quadrilhas juninas, desde as

tradicionais até as consideradas estilizadas, mais sofisticadas e com muito mais brilho.

Durante as apresentações eu, sinceramente, não sabia ao certo o que me encantava, mas eu já sentia o desejo de fazer parte daquilo. Era de fazer os olhos brilharem e de se perguntar: “como eles conseguem contar uma história, utilizando dança e teatro, dentre outros elementos, com tanta alegria e diversão?”.

Os anos se passaram, as prioridades em função da necessidade de estudar e de trabalhar foram se consolidando e, aos poucos, eu fui me distanciando deste universo junino. Agora, passar o São João se resumia a comer algo típico, assistir uma ou outra quadrilha junina, mas eu sabia que faltava alguma coisa. Porém, na altura do campeonato, já não morava mais no Nordeste. Ou seja, aos poucos, sentia como se, digamos, o meu “cordão umbilical” com a cultura junina, predominantemente nordestina, se rompesse a cada ano.

Mesmo sem imaginar, vim morar em Roraima. Já não estava tão acostumado a festejar o período do São João. Afinal, no Sul do país, onde morei antes de vir para o Norte, não é tão forte essa cultura junina, para além de outros elementos pessoais que me fizeram se distanciar deste universo.

Logicamente, em Roraima, tudo para mim era novo. No interior do Estado a sensação que eu tinha era que tudo era novo mesmo, uma vez que a cidade era muito pequena e, portanto, não apresentava características de cidades movimentadas. Era muito pacata. Até que em 2014 recebi um convite para ser removido do interior para a capital. Sem pensar muito (pois não havia como recusar o convite), aceitei. Sabia que teria uma melhor qualidade de vida, imaginava que as oportunidades seriam melhores, mas nunca passou pela minha cabeça que um amor antigo iria ressurgir tão forte como se nunca tivesse adormecido.

Recebi, ainda em 2014, o convite, de um colega de trabalho, para participar como brincante de uma quadrilha junina de Boa Vista. Ele era o noivo da quadrilha em questão, ou seja, tinha destaque e, portanto, a sua indicação seria bem aceita. Eu estava totalmente desnordeado acerca de como funcionava o universo quadrilheiro no Estado e imaginava que era

apenas diversão, o que não deixa também de ser, claro. Na ocasião, acabei tendo outras prioridades, mas sentia que a “semente quadrilheira” havia sido (re)plantada naquele momento. No ano de 2015, o convite para participar foi feito novamente, porém mais uma vez estabeleci outras prioridades.

Mas, em 2016, com a renovação do convite, não tive como resistir. Mesmo com muitos afazeres decidi ir assistir um dia de ensaio da quadrilha junina. Fiquei encantado. Me senti totalmente motivado a entrar de cabeça naquele universo, especialmente por um casal de brincantes que era de dar inveja pela forma como eles se entregavam à dança, a cada coreografia que era realizada. Não deu outra. No próximo ensaio, lá estava eu tentando me inserir em algo totalmente novo, mas que, suspeitamente, me trazia momentos nostálgicos.

Pé quente ou não, no ano de 2016, a quadrilha junina da qual fiz parte foi a campeã. A partir daí, descobri que existem dois grupos de quadrilhas juninas: acesso e especial. Fomos campeões do grupo de acesso, o que nos permitia dançar no grupo especial em 2017. A minha parceira de tablado tinha muita simpatia e bom humor. Além claro, de uma dose excessiva de paciência, pois eu estava dando, literalmente, os primeiros passos.

Em 2017, como brincante da quadrilha e um pouco mais maduro no universo em questão, recebi, aos 45 minutos do segundo tempo (e não é exagero), o convite para ser o noivo da quadrilha, pois o brincante que ocupava este posto anteriormente tinha saído. É lógico que a primeira coisa que veio à minha mente foi: “por que eu?” Afinal, tinha acabado de entrar na quadrilha, sabia de minhas várias deficiências e tinha consciência de que existiam outros brincantes bem mais aptos a assumir o destaque do que eu. Porém, não deixei de aceitar o desafio.

Foi uma experiência muito boa. Embora, como noivo, eu não tenha sentido tanta satisfação, por não ter coreografias específicas ao longo da apresentação em razão da posição. Mas, enfim. Embora não tenhamos sido campeões, felizmente conseguimos nos manter no grupo especial.

Figura 1 - Apresentação da Quadrilha Escola Forrozo no Boa Vista Junina (2016)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 2 - Apresentação da Quadrilha Escola Forrozo no Boa Vista Junina (2017)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 - Apresentação da Quadrilha Escola Forroço no Boa Vista Junina (2018)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 - Apresentação do Grupo Junino Sinhá Benta no Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Jackson Souza.

Continuei como noivo em 2018 e, embora tenha tido maior tempo para me preparar na condição de destaque, confesso que a emoção vivida em 2017 foi bem mais expressiva, talvez pela novidade do desafio que me foi proposto.

Em 2019, resolvi deixar de ser destaque e, também, a Quadrilha Escola Forrozão que foi a responsável, enquanto grupo junino, por me inserir no movimento quadrilheiro. Passei a integrar o Grupo Junino Sinhá Benta, por várias razões, dentre elas o aspecto logístico para a participação dos ensaios do grupo, uma vez que os ensaios são realizados em uma Escola Estadual próxima à minha residência.

CAPÍTULO 3

*Folkcomunicação: um elo entre Comunicação,
Folclore e Cultura Popular*

FOLKCOMUNICAÇÃO: UM ELO ENTRE COMUNICAÇÃO, FOLCLORE E CULTURA POPULAR

A Folkcomunicação é uma disciplina científica criada na década de 1960, em que o Brasil e a América Latina apresentavam o governo militar e a repressão às ideias e as manifestações populares. Foi desenvolvida por Luiz Beltrão, considerando a sua vasta experiência não só como jornalista, mas também como professor e como pesquisador (LIMA *et al.*, 2007).

Assim, contribuindo para a história da bibliografia brasileira sobre jornalismo, com foco na comunicação de forma geral e, mais especificamente, para o ensino do jornalismo e da comunicação no Brasil, surge, em 1960, o nome de Luiz Beltrão (HOHLFELDT, 2014).

Segundo Schmidt (2004), Luiz Beltrão por meio da observação participante foi consolidando as suas pesquisas e definindo a metodologia da folkcomunicação, inclusive com a delimitação das técnicas de coleta de dados como, por exemplo, o levantamento histórico aprofundado e a realização de entrevistas.

O Folclore e a Comunicação de Massa, de acordo com Melo (2007), são os elementos que apresentam a fronteira onde se localiza o objeto de pesquisa da Folkcomunicação. No caso do Folclore, por meio do resgate e da interpretação da cultura popular, enquanto que na Comunicação de Massa tem-se a difusão industrial de símbolos, por intermédio de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas.

Gobbi (2007) destaca que com o objetivo de conscientizar os alunos de jornalismo a respeito da comunicação coletiva e os seus múltiplos desdobramentos, Beltrão desenvolveu um dos seus principais legados, ou seja, o estudo sobre Folkcomunicação.

Na percepção de Breguez (2003, p. 32), a Folkcomunicação “tem o objetivo de analisar os impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares, que também são chamados de classes subalternas”.

Para compreensão do discurso das práticas culturais e das suas representações simbólicas, a folkcomunicação promove a análise dos processos comunicacionais populares, bem como suas mensagens críticas e ideológicas (AMPHILO, 2013). Ainda segundo a autora,

[...] a folkcomunicação segue a linha empirista, que prima pela observação in loco do fato folclórico, procurando seguir o funcionalismo de cunho difusionista com foco na integração nacional. Teoricamente, é de natureza interdisciplinar, buscando o diálogo entre as áreas da Comunicação, da Antropologia e da Sociologia, formando uma rede de conceitos que permitem a análise do objeto de estudo, visando averiguar a comunicabilidade do fato folclórico e das práticas culturais (AMPHILO, 2013, p. 05).

Sousa (2007) e Benjamin (2007) destacam que o próprio Beltrão (2001, p. 17) conceitua Folkcomunicação como “ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore”.

Com este conceito, pode-se pensar que a Folkcomunicação estaria limitada apenas ao processo de comunicação que é realizado nas comunidades por meio das manifestações que apresentam natureza folclórica. Porém, desde os primeiros estudos, houve uma ampliação da abrangência da Folkcomunicação no sentido de verificar a relação entre esta comunicação e a comunicação de massas (BENJAMIN, 2007).

Nesse sentido, Barreto (1994) destaca que, em função da dinâmica da teoria da folkcomunicação, é possível perceber que o discurso folclórico não engloba apenas palavras. Envolve aspectos comportamentais, expressões não-verbais e, inclusive, mitos e ritos, assumindo significados novos e atuais. O autor enfatiza a importância de se atentar aos diferentes tipos de discursos que ratificam as festas

populares como importantes mecanismos de estudo à luz da folkcomunicação.

Melo (2007, p. 21) ressalta que a Folkcomunicação se caracteriza como um segmento inovador de pesquisa na área das ciências da comunicação, tendo como foco a dedicação ao “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”.

Os estudos realizados por meio da teoria da Folkcomunicação têm como objeto empírico os seguintes aspectos: a) a marginalização de grupos socialmente excluídos; b) a apropriação pelos meios de comunicação das festas e ritos populares; e c) as transformações desses festejos em fontes de reprodução massiva (SILVA, 2017).

Na comunicação cultural, as linguagens humanas são traduzidas nos discursos. Em outras palavras, qualquer configuração de signos que sejam utilizados na emissão de mensagens simbólicas (BARRETO, 1994). O autor, no seu estudo sobre Comunicação e Folclore, apresenta mecanismos emissores/receptores, de forma a ampliar o quadro de linguagens humanas. Esses mecanismos são: o visual, o plástico-tátil, o olfativo-gustativo, o audiovisual e o idiomático-sonoro. Segundo o autor, o mecanismo plástico-tátil é a essência da relação entre receptores/manifestações culturais.

Ainda sobre os mecanismos emissores/receptores, Barreto (1994) ressalta que:

A emissão de signos icônicos e mímicos, que constitua uma mensagem perceptível pelo tato e/ou pela visão. Trata-se do discurso tridimensional, em que os elementos (coisas da natureza, seres, objetos e monumentos são corpos cujas qualidades – volume, forma, consistência, postura no espaço) são captados ao contato do corpo do receptor e/ou pelo seu aparelho visual, permitindo-lhe a decodificação e interpretação da mensagem (BARRETO, 1994, p. 31).

Silva (2017) afirma que a Folkcomunicação é, por estrutura, uma forma artesanal e horizontal de comunicação, se assemelhando aos modelos interpessoais. Ressalta que as mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas por meio de canais e de linguagens familiares, *a priori* vivenciadas pelo comunicador, ainda que de forma dispersa.

Hohlfeldt (2002), buscando diferenciar os estudos da Folkcomunicação dos estudos da cultura popular ou do folclore, destaca que os primeiros estão relacionados ao estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais há uma expansão das manifestações da cultura popular ou do folclore, assim como socialização destas; além disso, convivem com outras cadeias comunicacionais e sofrem modificações por meio da influência da comunicação massificada e industrializada.

Essa influência ocorre em função das realidades, do cotidiano, dos modos de fazer e de viver (DE CERTEAU, 1994) das comunidades cada vez mais se constituírem em processos de comunicação e de expressão. Nessa perspectiva, cabe destacar que estes processos estão carregados de aspectos de identificação das pessoas como o seu lugar, de sua cultura e história e dos conflitos inerentes. Além disso, os processos agregam a construção de novas identidades e referenciais tanto de poder quanto de pertencimento.

Sobre o processo de construção de identidades, Silva (2017, p. 52) ressalta que “a inserção das manifestações culturais populares no campo midiático traz à tona antagonismos entre tradição e modernidade e a construção de nossas representações identitárias”.

De forma geral, pode-se afirmar que a folkcomunicação refere-se à comunicação em nível popular. Neste sentido, deve-se entender por popular tudo que estiver relacionado ao povo, ou seja, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Em outras palavras, pode-se especificar que folkcomunicação é a comunicação por meio do folclore (MELO, 2014).

Para Ziviani (2017), os meios de comunicação podem ser comparados a textos. Segundo a autora, estes textos não só são portadores de sentidos, mas também revelam significados culturais.

Beltrão (2004), abordando sobre a comunicação, ressalta que:

Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial (BELTRÃO, 2004, p. 37).

A construção social e as relações de poder e de pertencimento são elementos importantes para que a comunicação se efetive (HALL, 2003). Nessa perspectiva, o autor destaca que a forma como o processo comunicacional será realizado depende das mediações e das interações sociais, em cada contexto e sociedade.

Raymond Williams (1969 *apud* ZIVIANI, 2017) ressalta a globalidade do processo comunicativo, destacando que a comunicação é um processo que contempla a transmissão, a recepção e a resposta, sendo estes últimos dependentes de outros elementos que não são processos considerados meramente técnicos.

Nesse sentido, a lógica transmissiva e linear, ou seja, de emissor / mensagem / receptor, torna-se ineficaz para garantir a análise das relações existentes entre a comunicação, os sujeitos e o tecido social mais amplo. Essa ineficácia se intensifica numa sociedade na qual a centralidade do conceito de cultura marca, de maneira expressiva, a sua organização e, como consequência, os processos comunicativos (ZIVIANI, 2017).

Segundo Winkin (1998, p. 43) “a nova comunicação é vista como performance permanente da cultura e, portanto, não se restringe à transmissão intencional de mensagens, porém refere-se aos processos dos quais todos participamos cotidianamente”.

Ziviani (2017) destaca que, nas teorias contemporâneas da comunicação, a perspectiva interacional se configura como a forma mais adequada para evidenciar a globalidade e a complexidade do processo comunicativo. Segundo a autora, a abordagem comunicacional da

interação ressalta que a produção de sentido e de significado se dá em relação. Neste sentido, se operarmos com a noção de que a comunicação é interação, o emissor e o receptor são mutuamente afetados e não apenas o receptor, que segundo a abordagem adorniana da cultura, atuaria apenas como um sujeito passivo.

Para Amphiló (2013), Luiz Beltrão, pioneiro da teoria da folkcomunicação, enxergava os meios de comunicação como um importante instrumento de transformação. Assim, levantou duas possibilidades em decorrência da falta de reação positiva do povo frente aos estímulos promovidos pelos meios massivos, a saber: a) o povo não reagia porque não compreendia as mensagens; ou b) as necessidades e as reivindicações do povo não estavam sendo atendidas pelas mensagens.

A comunicação mostra-se como um campo privilegiado para que se possa promover reflexões sobre o conceito de cultura e de identidade cultural, uma vez que, dentre outros elementos, conforme destaca França (2001, p. 11) “busca-se se ater aos processos humanos e sociais de produção, circulação e interpretação de sentidos, fundados no simbólico e na linguagem”.

É importante destacar que a concepção da cultura como código implica também na sua percepção como um sistema de comunicação, que rege não só o encontro, mas também as trocas entre os indivíduos, os grupos e as instituições (BOTELHO, 2001).

Com foco na expressão cultura popular, Silva (2014) destaca que a folkcomunicação pressupunha a existência de uma cultura popular, nas últimas décadas do século XX, quando a teoria foi criada.

Os sentidos mais antigos e exclusivos do termo “cultura” estão perdendo espaço, desde 1877, quando o termo foi empregado pela primeira vez, por Edward Burnett Tylor. Termo este utilizado para fazer referência a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana (MINTZ, 2009).

Laraia (2001) destaca que uma das primeiras preocupações dos pesquisadores com relação à cultura refere-se a sua origem. Ou seja, como

o homem adquiriu um processo que não só o diferenciou de todos os animais, mas também lhe deu um lugar privilegiado na vida terrestre?

Cultura é um termo que apresenta definição abrangente, especialmente quando se considera as diferentes áreas de conhecimento (SÁ, 2009; HOLANDA, 2011; SILVA, 2011).

Durante muito tempo, a definição dada ao termo “cultura” estava relacionada pelo senso comum à ação culta de elitismo. Assim, a cultura destinava-se apenas a uma pequena parte da sociedade (SILVA, 2011).

Do ponto de vista da sociedade, Bernardes e Marcondes (2005) destacam que a cultura é o conjunto de fatores extrapsíquicos, intrapsíquicos e interpésíquicos, ou seja, ferramentas e utensílios, língua, hábitos e normas, e sentimentos e atitudes, respectivamente.

Ainda é possível encontrar pessoas que vinculam cultura ao simples acúmulo de conhecimento. Essas pessoas, portanto, além de perderem o interesse pela essência do termo, também a caracterizam como algo inatingível (SILVA, 2011).

Para Botelho (2001), numa perspectiva antropológica, o termo cultura pode ser definido como o resultado da interação social dos indivíduos que, a partir dessa interação, criam os seus modos de pensar e de sentir, desenvolvem os seus valores, as suas identidades e estabelecem as suas rotinas.

Ainda numa percepção antropológica, Laraia (2001) destaca que o conceito de cultura se refere a todo um complexo que engloba diversos elementos: o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes, assim como todos os outros hábitos e aptidões/habilidades que são adquiridas pelo indivíduo como membro da sociedade. O autor ainda destaca que a cultura se refere a um processo acumulativo, sendo resultado de todas as experiências históricas que foram adquiridas das gerações anteriores. Assim, a ação criativa dos indivíduos pode ser limitada ou estimulada por meio deste processo de acumulação.

Amaral Filho *et al.* (2019, p. 4), consideram a abordagem de Stuart Hall (1980), quando da referência aos estudos culturais, inicialmente elaborados por Raymond Williams, para definir cultura como

“a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns”. Os autores destacam, ainda, que a esta definição são relacionados alguns conceitos como os de ideia, o de socialização e o de democracia.

Ziviani (2017), levando em conta as percepções de Williams, ressalta que o autor defende a ideia de que a cultura ordinária, também chamada de cotidiana, refere-se a vida comum, pode ser percebida como um modo de vida que está no mesmo patamar do mundo das artes, da música e da literatura. Isso porque o autor, conforme enfatiza Ziviani (2017), procura não distinguir alta cultura e baixa cultura ou cultura de massa. Ao contrário dessa distinção, o importante é refletir a respeito dos sistemas simbólicos ou de significação que estão nas entrelinhas dessas questões.

Neste sentido, a cultura passa a ser compreendida como algo relacionado a produção de sentidos e significados. Assim, a comunicação é colocada no centro do processo como um importante elemento para o desenvolvimento de significações e valores (ZIVIANI, 2017).

De acordo com Holanda (2011) a palavra “cultura” vem do vocábulo latino *culturam*, ou seja, refere-se à prática de cultivar o solo ou, ainda, a técnica que é empregada nessa atividade. Contudo, segundo a autora, apenas na segunda metade do século XVIII é que a palavra cultura passou a ser aplicada relacionando-a a sociedade.

Cultura pode ser definida, considerando uma percepção mais sociológica, como todas as práticas, as ideias, os valores, bem como todos os objetos materiais que são criados para contribuir com as várias reflexões de questões concretas (SÁ, 2009).

Santos (1994) pontua que na medida em que se tornaram constantes as relações entre as nações, os estudos acerca do termo cultura foram se intensificando. Sobre o termo, ele destaca que:

Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às expressões artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se

falar da cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então, cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 1994, p. 27).

Para Demetrio (2000), a cultura, segundo a concepção desenvolvida por Raymond Williams, era como uma rede de significados e de atividades comuns. O autor enfatiza que Williams focava as suas preocupações/reflexões sobre a necessidade de se levar em consideração a complexidade que existia nas relações entre os valores culturais que eram transmitidos e os diferentes grupos sociais que os recepcionavam, levando-se em conta, também, o contexto de circularidade cultural.

A cultura é dinâmica estando, portanto, em constante processo de mudança. O dinamismo atrelado a cultura deve-se ao fato dela se caracterizar como um processo que engloba as experiências do cotidiano das pessoas. Assim, as mudanças ocorrem dentro das comunidades, constituindo o legado cultural, a história específica de cada povo, uma vez que agrega as práticas culturais e a herança (MENESES, 2015; JARDIM *et al.*, 2016).

Para Amaral Filho *et al.* (2019) a cultura pode ser entendida como qualquer manifestação cultural como, por exemplo, a música e a dança, nas quais o povo é responsável pela produção, mas também participa de forma simultânea, sendo que dependendo das transformações ocorridas no meio social, a cultura popular (ou cultura tradicional) pode ir mais além do que uma herança.

Nesse sentido, Benjamim (2007) destaca que os portadores das culturas tradicionais não vivem isolados na sociedade. Assim, eles sofrem a influência dos meios de comunicação massivos, sendo esta intensificada por diversos elementos, dentre eles, a expansão das emissoras de rádio e de televisão, assim como a internet.

Nesta perspectiva, abordando sobre culturas tradicionais e modernas, Trigueiro (1998) ressalta que:

Vivemos num mundo de coexistência entre as culturas tradicionais e modernas. A modernização não vem para acabar com o folclore e a cultura popular por ser até mesmo uma de suas estratégias. A incorporação de bens simbólicos modernos nas festas tradicionais não elimina a cultura folk, mas, a transforma e insere no mercado de consumo dos meios de comunicação de massa (TRIGUEIRO, 1998, p. 45).

Porém, segundo Hohlfeldt (2000), a cultura popular passou a perder a sua espontaneidade ao ser industrializada. Dessa forma, eventualmente, sobreviveu o chamado clássico popular graças às suas características inerentes. Corroborando a percepção mencionada, Silva (2014, p. 4) apresenta o seguinte questionamento: “existirá ainda o popular, num tempo em que a indústria cultural tudo contamina ou recobre?”.

Catenacci (2001), abordando sobre cultura popular, destaca que aos olhos da mídia o popular é visto numa perspectiva de mercado. Em outras palavras, é aquilo que vende, o que agrada multidões, e não necessariamente o que é elaborado pelo povo. Ainda ressalta que tanto para o mercado quanto para a mídia, o popular não interessa na perspectiva de tradição.

Sobre o popular, Catenacci (2001) ressalta que as comunicações massivas o colocam em cena de uma maneira diferenciada e, portanto, são vistas como uma ameaça às tradições populares. Isso ocorre porque, na concepção da autora, na medida em que a mídia trabalha com a questão das manifestações populares, buscando incorporá-las à cultura hegemônica, ela passa a assumir um papel de concorrente do folclore.

Assim, por meio dessas abordagens teóricas, como situar a festa junina como expressão da cultura popular? Como expressão do folclore?

E como expressão da comunicação? Estes são alguns questionamentos que este livro visa responder, considerando a teoria da Folkcomunicação, com foco no Boa Vista Junina, no olhar do Grupo Junino Sinhá Benta.

CAPÍTULO 4

*O Boa Vista Junina como um
processo simbólico de comunicação*

O BOA VISTA JUNINA COMO UM PROCESSO SIMBÓLICO DE COMUNICAÇÃO

O Boa Vista Junina, promovido pela Prefeitura Municipal de Boa Vista (PMBV), especificamente por meio da Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC), em 2019, teve a sua 19ª edição. É um evento que movimenta a cidade, mobilizando várias pessoas, especialmente as que atuam, direta e indiretamente, nas quadrilhas juninas, que são a atração principal deste período junino.

Esse evento garante a alegria e a diversão no período junino, em função de toda a preparação para a sua realização, muito embora seja concentrado em uma data específica.

Porém, a festa, considerando toda a preparação dos envolvidos, direta e indiretamente, inicia em janeiro (em algumas quadrilhas juninas ainda no mesmo ano do concurso), quando os grupos começam a se reunir para definir o tema que será abordado e defendido no tablado e, também, se iniciam os ensaios para que os brincantes possam aprender as coreografias e, finalmente, o que está planejado no papel começa a ser colocado em prática ao longo dos meses, até a apresentação do espetáculo no tablado.

A cada ano, os grupos juninos têm se aperfeiçoado para levar ao tablado coreografias que chamam a atenção de todo o público presente e da comissão julgadora, especialmente pela inovação e pela ousadia, além de muita beleza e muita simpatia. Essa inovação e ousadia, por exemplo, estão relacionadas à inserção, nas coreografias, de adereços e de movimentos complicados de serem realizados, mas que, se bem executados, proporcionam um belo efeito visual.

Como cada décimo é muito importante para as quadrilhas juninas, cada detalhe é de fundamental importância em busca do título de campeã ou, pelo menos, para garantir a permanência nos grupos das quais fazem parte (grupo especial ou grupo de acesso), pois nenhuma quadrilha quer ter o desprazer de ser rebaixada e, no caso das quadrilhas que fazem parte do grupo de acesso, correr o risco, até mesmo, de não se apresentar no

próximo ano, caso seja rebaixada (dois últimos lugares do grupo de acesso).

O concurso de quadrilhas é realizado, atualmente, na Praça Fábio Marques Paracat, localizada na Avenida Capitão Ene Garcês, no Bairro São Francisco. Ela faz parte do complexo Airtton Senna, que é um dos principais corredores da capital. Nela, é preparada a Arena Junina, na qual é montado o tablado onde as quadrilhas juninas apresentam o resultado de meses de planejamento, de preparação, de ensaios em busca do campeonato. Além disso, na praça concentra-se a estrutura do evento junino, contando com o palco principal (com os *shows* locais, regionais e nacionais), bem como com várias outras atividades relacionadas à festa, que ocorrem, inclusive, paralelamente.

Da definição do tema até a apresentação no tablado, as quadrilhas juninas treinam muito, em média, seis meses. Nos ensaios, é possível verificar o amor dos brincantes pelo grupo junino e o empenho destes para representar bem a quadrilha, buscando ser impecável e atingir os resultados planejados.

Cada quadrilha defende o seu tema e “disputa”, ponto a ponto, décimo a décimo, o título de campeã. As que fazem parte do grupo especial, além do título, defendem a permanência no grupo, uma vez que as duas últimas colocadas são “rebaixadas” para o grupo de acesso. Destaca-se, ainda, que a quadrilha campeã ganha o direito de ir representar o Estado no Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas que, geralmente, ocorre em Brasília. Nesse caso, a quadrilha junina recebe apoio financeiro da Prefeitura para custear as despesas.

As que fazem parte do grupo de acesso buscam subir para o grupo especial e, principalmente, não ficar nas últimas colocações, pois as duas últimas colocadas ficam dois anos sem participar do evento, oportunizando, portanto, a participação de outras quadrilhas. Assim, se não for para subir ao grupo especial (a campeã e a vice-campeã do grupo de acesso), buscam, ao menos, manter-se no grupo.

Vale destacar que apesar da competição entre as quadrilhas juninas, existe amizade entre os brincantes de grupos diferentes, inclusive porque um determinado brincante que dança em uma quadrilha pode

defender o tema de outra no ano seguinte, o que não é raro acontecer. Assim, a competição é sadia e, inclusive, necessária, uma vez que os brincantes passam a se empenhar e a se dedicar mais durante todo o processo de preparação, sendo possível, portanto, verificar a dedicação para com as quadrilhas juninas e a preocupação com o figurino, com as coreografias, com o desenvolvimento do tema, com o cenário, etc. Tudo isso para agradar ao público presente durante as apresentações e, principalmente, aos jurados.

Os jurados são escolhidos pela própria FETEC e, em geral, devem apresentar alguma experiência referente ao quesito pelo qual será responsável por avaliar. Em 2019, foram avaliados os seguintes quesitos: animação, casal de noivos, figurino, coreografias, criatividade e desenvolvimento do tema (PMBV, 2019, p. 31).

Cada grupo (especial e acesso) é composto por 12 (doze) quadrilhas juninas, totalizando 24 (vinte e quatro) que, no tablado, revivem grandes histórias e sempre prometem, e se empenham para isso, muita animação. A ordem de apresentação de cada quadrilha junina, bem como o dia de sua apresentação, é definida por meio de sorteio.

O sorteio da ordem de apresentação das quadrilhas juninas é realizado dois meses antes do Boa Vista Junina (RIOS, 2019). Embora, oficialmente, não seja realizada divulgação formal por meio dos veículos de comunicação, pois não é noticiado, o sorteio é presenciado pelos representantes de cada quadrilha junina, dos grupos de acesso e especial. Porém, embora os veículos de comunicação não noticiem o sorteio em questão, há publicações institucionais acerca desse processo do planejamento do evento.

As quadrilhas juninas se apresentam nas noites do concurso, sempre iniciando com as quadrilhas do grupo de acesso e finalizando com quadrilhas do grupo especial, conforme os sorteios realizados. Durante as apresentações, as temáticas apresentadas pelas quadrilhas juninas são os mais diferentes possíveis, indo desde “Bonecos na imaginação de criança é gente”, defendido pela Quadrilha Coração do Sertão, até “Sou bela sou fera também sou caipira”, defendido pela Quadrilha Explosão Junina, ambos em 2016.

Apesar de diferentes, é importante refletir sobre o que são essas temáticas pelo campo da criação e da imaginação de elementos da cultura popular em relação ao imaginário midiático.

Para além do concurso de quadrilhas, ocorrem outros concursos paralelos no evento como, por exemplo, a escolha da Rainha da Diversidade e a escolha da Rainha Caipira e do Rei Matuto. Em resumo, cada quadrilha junina pode apresentar a sua representação que, portanto, concorre ao título em questão.

É importante destacar que, nesses concursos, não há obrigatoriedade de participação, uma vez que a quadrilha não será prejudicada caso não tenha representação nestes. Porém, geralmente, todas as quadrilhas juninas procuram participar, no sentido de fazer valer todo o sacrifício e o esforço que os destaques apresentam ao longo dos meses de preparação. Assim, a participação não ocorre, geralmente, apenas por problemas de força maior.

Após a definição do tema que a quadrilha irá defender, que geralmente ocorre de forma concentrada pela diretoria das quadrilhas juninas, cada uma com as suas estratégias específicas, se iniciam as reuniões para o detalhamento das atividades que serão realizadas, como: a escolha das músicas, dos figurinos, dos personagens principais (noivos, rei matuto, rainha caipira, rainha da diversidade, padre e, dependendo da quadrilha, outros personagens que não são considerados obrigatórios – são criados de acordo com a necessidade para atender ao quesito: desenvolvimento do tema), das coreografias, etc.

Todas essas atividades são cuidadosamente planejadas, pois devem estar de acordo com o tema e com o enredo a ser utilizado, afinal essa consonância também é objeto de avaliação durante a realização dos concursos, contando pontos preciosos que, sem dúvida, podem definir a grande campeã e, também, infelizmente, anunciará as quadrilhas que serão rebaixadas.

Para a escolha dos personagens principais (destaques – noivos, rei matuto e rainhas – diversidade e caipira), cada quadrilha estabelece os seus critérios para definir os brincantes que a representarão. Nessa definição, dentre vários fatores que são levados em consideração, o compromisso

com o grupo junino merece atenção, uma vez que esse compromisso gera confiança não só entre o brincante em questão e os demais brincantes da quadrilha, como também entre este e a diretoria da quadrilha junina.

Em alguns casos, a definição dos destaques é bem fácil, uma vez que nem todos os brincantes querem assumir essa responsabilidade, especialmente porque muitos dos brincantes são muito jovens e, até mesmo, ainda não possuem uma maturidade suficiente para uma responsabilidade como essa. Nestes casos, geralmente, a própria diretoria do grupo junino fica responsável pela indicação dos destaques.

Vale destacar que os destaques são figuras importantes não só com relação à representação da quadrilha junina, mas também no que diz respeito a harmonia e a interação do grupo. Isso porque os brincantes, de certa forma, respeitam os destaques como se eles atuassem como líderes, ainda que de maneira informal. Assim, geralmente, a escolha se dá naturalmente, considerando a aceitação do grupo, mediante a indicação da diretoria. Neste sentido, esses destaques acabam atuando como agentes folkcomunicaçãois.

Em outros casos, os noivos, o rei matuto e a rainha caipira são indicados exclusivamente pela diretoria, que pode ter número variado de membros e, especialmente, a figura do presidente e de um membro que é responsável pela movimentação financeira, do valor que é repassado à quadrilha junina. Além disso, os membros da diretoria não devem ter vínculo com a Prefeitura.

A indicação mencionada anteriormente, porém, ocorre apenas quando há consenso entre os membros da diretoria. Quando esse consenso não existe é realizada uma competição interna para definição destes destaques, de forma a democratizar o processo de escolha e, especialmente, eliminar as dúvidas que existam na diretoria quanto à indicação dos nomes.

A preparação das quadrilhas juninas começa leve e, ao longo dos meses e da proximidade da realização do concurso, vai se intensificando, uma vez que, neste momento, o foco é aparar as “arestas”, ou seja, os detalhes, e garantir um bom desempenho por meio da repetição das coreografias que, em um primeiro momento, pode parecer chato,

especialmente para aqueles brincantes que têm facilidade em “pegar” a coreografia rapidamente, mas é uma ação necessária para garantir, ao máximo, que não ocorra erros durante a execução no tablado. Afinal, só assim será possível conseguir boas notas, nos itens relacionados, na avaliação dos jurados do concurso.

É importante destacar que os brincantes, em sua grande maioria, não recebem nenhum incentivo financeiro para participar de um grupo junino. Fazem por amor, seja pela cultura junina, seja pelo grupo junino do qual fazem parte. Porém, raramente, algum brincante acaba sendo remunerado, quando a sua participação é solicitada por determinado grupo. Quando isto ocorre, é mais comum entre os destaques.

Geralmente, no dia de apresentação da quadrilha junina no concurso tudo é muito corrido, pois tem que levar cenário, providenciar os adereços, produzir toda a maquiagem dos brincantes, preparar lanches, providenciar o transporte para traslado dos brincantes, dentre outras ações.

Todas as quadrilhas têm uma preparação árdua. Algumas quadrilhas exageram e ensaiam 3 a 4 vezes por semana, enquanto outras ensaiam apenas nos sábados, domingos e feriados. Porém, independentemente do tempo de ensaio, o que conta mesmo é o envolvimento, o esforço, a entrega e o compromisso de cada brincante, no sentido de “vestir” a camisa e se esforçar a cada ensaio.

Durante a apresentação das quadrilhas, no período do concurso, vários critérios são levados em consideração como, por exemplo, casal de noivos, coreografias, evolução da quadrilha, etc. Dentre esses critérios, tem também a música original. Ou seja, a cada ano, cada quadrilha, considerando o seu tema, deve apresentar uma música original que, além de pontuar no cômputo geral que pode garantir a vitória de determinada quadrilha no concurso, também pode ser escolhida a melhor música do concurso.

Personagens principais que têm sido destaque nos concursos paralelos aos concursos das quadrilhas, é o casal de realeza (Rainha Caipira e Rei Matuto). O concurso de Rainha Caipira já era disputado, inclusive porque é mais comum pensar na necessidade de se ter uma rainha

caipira durante a realização dos concursos de quadrilhas. Porém, o Rio Matuto/Junino não. Não é à toa que Boa Vista é a única cidade do Brasil a promover um concurso de Rei Junino, pois em outras cidades, é realizado apenas o concurso para escolha da Rainha Caipira.

Assim, inspirado no Rei Momo, importante personagem das festas de carnaval, foi criado, em 2004, em Boa Vista, um personagem simbólico para abrilhantar, ainda mais, o maior e o melhor Arraial da Amazônia, o Rei Matuto. Dessa forma, fazia parceria, nas festas juninas, com a Rainha Caipira.

Geralmente, no caso do Boa Vista Junina, é no segundo dia do arraial que os casais reais mostram toda a elegância, a desenvoltura, o traje típico, a simpatia e a animação. Tais elementos são fundamentais e fazem toda a diferença na hora da escolha feita pelos jurados. Além desses elementos, é importante lembrar que a imagem do personagem matuto deve ser o mais caipira possível, com calças estilizadas, muito xadrez, retalhos costurados pela roupa e claro, não pode faltar o bigode e o famoso chapéu de palha.

Durante a realização do evento existem espaços para a venda de comidas típicas, assim como espaços voltados para a garantia da segurança, da saúde e do bem-estar de toda a população participante.

O Boa Vista Junina é um evento aconchegante, tradicional e que, sem dúvida, já caiu no gosto do boa-vistense. Segundo Carvalho (2019, p. 28), “[...] o arraial recebe cerca de 200 mil pessoas a cada edição. O evento é acompanhado por turistas que fazem questão de torcer pelas quadrilhas. E elas dão um show à parte”.

Para que tudo saia conforme o planejado, a segurança é considerada um elemento de primeira necessidade, ou seja, não pode faltar. Assim, para garantir a segurança de todos os participantes, geralmente é montado, no local do evento, um sistema de câmeras responsável por auxiliar no monitoramento de todo o ambiente.

Em 2017, por exemplo, para garantir a tranquilidade de todos que participaram da festa, o evento contou com 70 (setenta) guardas municipais, 40 (quarenta) agentes de trânsito e parcerias com as Polícias

Civil, Militar e Corpo de Bombeiros. Para além dessa estrutura, equipes da Guarda Municipal monitoraram tudo em tempo real, para que nada acontecesse fora do que foi devidamente, e cuidadosamente, pensado e planejado (PMBV, 2017).

Já é uma característica marcante do Boa Vista Junina garantir espaço para os mais variados gostos e públicos (PMBV, 2016). Nesse sentido, observa-se que os responsáveis por garantir e proporcionar essa variação são os artistas locais (não só os da capital, mas também da região). Alguns exemplos dessas atrações locais e da região são: Alemão da Remela de Gato, Fabinho Farias, Banda Forró Du Patrão, Banda Ellos, Irlan Guimarães, Neto Andrade, Xote Bruto, Vinícius Tocantins, Regio Jazz, Banda Trupe de Marte, dentre outros (PMBV, 2016; 2017; 2018; 2019).

Além dos artistas locais, os *shows* nacionais durante a realização do Boa Vista Junina também são sempre muito esperados pelos participantes do evento. Isso ocorre, inclusive, porque a cada ano a Prefeitura tem surpreendido com os artistas que são responsáveis por este *show*. Em 2016, o arraial contou com duas atrações nacionais. O *show* ficou por conta do Monobloco e da dupla sertaneja João Bosco e Vinícius (PMBV, 2016, p. 14). Já em 2017, o *show* foi da cantora, compositora, atriz e multi-instrumentista paraibana Lucy Alves, que foi finalista no The Voice Brasil 2013 (PMBV, 2017, p. 16). Em 2018, Naiara Azevedo cantou os seus maiores sucessos no Boa Vista Junina (PMBV, 2019, p. 9). Já este ano, 2019, o *show* nacional ficou por conta da Banda Magníficos (PMBV, 2019, p. 09).

O Boa Vista Junina, durante o período junino, tem sido uma alternativa e uma grande oportunidade no processo de geração de renda, uma vez que muitas famílias contam com eventos como este para conseguir alguma renda. Sousa (2019) destaca que:

O Boa Vista Junina é um momento de muita diversão, alegria e uma ótima oportunidade de gerar renda extra. Em 2019, a Prefeitura de Boa Vista investiu R\$ 2,7 milhões no Maior Arraial da

Amazônia, impulsionando a economia do município durante os festejos. Nesse período aumenta a oferta de serviços e a geração de emprego (direto e indireto) e renda, o que deve movimentar cerca de R\$ 12 milhões na cidade. Um retorno quase cinco vezes maior que o investimento (SOUSA, 2019, p. 18).

Considerado o Maior Arraial da Amazônia, em função do número crescente de público e de atrações a cada ano (PMBV, 2019), o Boa Vista Junina tem fomentado a economia local, gerando empregos diretos e indiretos durante as noites juninas. Isso acontece porque, todos os anos, a PMBV oferece, para os comerciantes, a oportunidade de venderem alimentos e bebidas diversas para os visitantes dos eventos. Segundo dados da Prefeitura, em 2015, por exemplo, cerca de R\$ 10 milhões de reais foram movimentados e mais de 200 mil pessoas passaram pelo local durante as noites do arraial (PMBV, 2016, p. 82).

Em 2016, de acordo com a Prefeitura, foram mais de 120 (cento e vinte) barracas sorteadas para participar do Boa Vista Junina (figura 5), com venda de comidas e de bebidas diversas para atender aos visitantes do evento. Segundo os vendedores participantes do evento, é unanimidade que no dia de realização do *show* nacional as vendas chegam a duplicar (PMBV, 2016, p. 83).

A preparação dos figurinos das quadrilhas juninas, assim como do cenário a ser utilizado nos espetáculos, conforme o tema definido por cada grupo junino, a necessidade de transportes, a produção das coreografias, do repertório, inclusive da música tema, por exemplo, tem contribuído para geração de empregos, diretos e indiretos, ao menos durante o período junino, uma vez que muitas pessoas passam, nesse período, a trabalhar com estes elementos e ganhando, portanto, uma renda extra, quando não a única renda da família.

As quadrilhas juninas que participam do Boa Vista Junina recebem, anualmente, recursos financeiros para que possam desenvolver o seu tema ao longo dos meses de ensaios, com culminância no período junino, normalmente no mês de junho, quando as quadrilhas juninas se

apresentam no tablado e, logicamente, são apreciadas por todo o público presente no evento e, claro, são avaliadas por um corpo de jurados para definição da grande campeã, em cada grupo.

Figura 5 - Prancha Fotográfica das diversas barracas no Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Autor.

Esses recursos financeiros para as quadrilhas, tanto do grupo especial quanto do grupo de acesso, são repassados por intermédio de um convênio que foi firmado entre a Liga das Quadrilhas Juninas de Roraima (LIQUAJUR), a Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas (FERQUAJ) e o município de Boa Vista.

Porém, apesar desse convênio, não há regularidade quanto a data específica em que o recurso financeiro é repassado para as quadrilhas juninas. Dessa forma, cada quadrilha, para não se perder no seu cronograma de trabalho, deve buscar alternativas, por meio de um adequado planejamento, para que a irregularidade do recebimento do recurso não prejudique o andamento das atividades previstas pela quadrilha.

Nesse sentido, todos os gastos que serão realizados pelas quadrilhas devem ser devidamente planejados para poder entrar no orçamento que elas têm para trabalhar. Assim, não é raro imaginar que, vez ou outra, novos planos são realizados, alterando a ideia, o projeto inicial, para se adequar à falta de recurso financeiro.

Para contornar a situação de poucos recursos financeiros, frente à demanda que as quadrilhas juninas têm, cada uma faz o que pode para aumentar este recurso e garantir, o máximo possível, que o que foi planejado saia do papel, sem muitas mudanças, apenas com alguns ajustes necessários, que não comprometerão o desempenho final da quadrilha no dia da apresentação no tablado.

Dentre as alternativas, as quadrilhas juninas buscam fazer parcerias, conseguir patrocinadores, bem como alguns eventos com o objetivo de arrecadar dinheiro, ao menos para suprir algumas despesas menores e mais urgentes.

Para além do recurso financeiro que foi estabelecido/definido por meio do convênio mencionado anteriormente, e que, inclusive, proíbe que qualquer servidor vinculado à Prefeitura de Boa Vista, seja ou esteja responsável por qualquer quadrilha junina que seja, existem personalidades/figuras políticas que podem, por conta própria, decidir ajudar – patrocinar – determinadas quadrilhas.

Independente dos reais motivos que possam estar relacionados a essa ajuda – patrocínio –, dentre eles, quem sabe, até mesmo, o real interesse pela cultura e pelo fortalecimento do movimento quadrilheiro no Estado, fato é que essas personalidades/figuras políticas injetam recurso financeiro na quadrilha junina, como forma de complementar aquilo que a quadrilha já possui, contribuindo, assim, para a execução do orçamento planejado por ela. Afinal, com essa ajuda financeira, certamente a quadrilha não terá maiores problemas para executar o orçamento planejado inicialmente, sem muita necessidade de ajustes – isso para não dizer “nenhuma necessidade”.

Para algumas pessoas, essa ajuda – patrocínio – se configura como uma espécie de “apadrinhamento político”. Assim, a expectativa é a de que cada político que direcione recursos financeiros para as quadrilhas juninas faça considerando a utilização dos seus próprios recursos. Porém, independente da liberdade que um político tem para ajudar ou patrocinar determinada quadrilha junina, a torcida é para que este “apadrinhamento político” não cause interferência nos resultados da competição.

Para além deste “apadrinhamento político”, referente à destinação de recursos financeiros para as quadrilhas, há também o apoio, por exemplo, de vereadores no sentido de votar projetos de lei que beneficiam o segmento, bem como por meio de emendas ao Orçamento Anual.

O Boa Vista Junina é um evento que apresenta, portanto, diferentes dimensões, com foco nas configurações de caráter social, econômico e político. Neste sentido, o evento possui várias funções, tais como: a lúdica, a comercial, a turística, a diversão, a política, etc (PMBV, 2016; 2017; 2018; 2019).

CAPÍTULO 5

*Boa Vista Junina no olhar
do Grupo Junino Sinhá Benta*

BOA VISTA JUNINA NO OLHAR DO GRUPO JUNINO SINHÁ BENTA

Diante das considerações sobre o Boa Vista Junina, nas suas diferentes dimensões e com as mais variadas funções, e considerando os quadrilheiros como os protagonistas da festa, são apresentadas as trajetórias no movimento junino de cinco quadrilheiros que fazem parte do Grupo Junino Sinhá Benta, sendo uma brincante a presidente do grupo e quatro deles que, em 2019, são destaques no grupo, o que na perspectiva da Folkcomunicação é chamado de agentes folkcomunicacionais ou líderes de opinião (CERVI, 2007; RENÓ, 2007).

O Grupo Junino Sinhá Benta foi fundado em 19 de abril de 2013, quando um grupo de quadrilheiros resolveu criar uma quadrilha junina. Portanto, trata-se de uma quadrilha muito jovem, pouco mais de seis anos, mas que ao longo de sua curta trajetória tem se destacado nos concursos do Boa Vista Junina e, especialmente, tem ganhado vários prêmios individuais.

Em 2019, o grupo junino subiu ao tablado do Boa Vista Junina com 37 (trinta e sete) casais² que desde novembro de 2018 iniciaram os ensaios³, em todos os finais de semana – no mês de junho os ensaios se intensificaram e passaram a ser realizados também durante alguns dias da semana. Inicialmente, os casais, inclusive a quantidade, não estavam definidos, porém ao longo dos ensaios estes detalhes foram se ajustando.

² Totalizam 74 (setenta e quatro) brincantes, contando com o casal de noivos. Além disso, destaca-se as pessoas que trabalham nas encenações, nos bastidores (equipe de apoio) e, especialmente, o animador da quadrilha junina.

³ Os ensaios oficiais do grupo junino foram realizados na Escola Estadual Major Alcides, no bairro Asa Branca, Boa Vista, Roraima. Porém, alguns ensaios menores (envolvendo menor número de brincantes – geralmente, estes ensaios tinha por objetivo repassar coreografias específicas para os brincantes que passavam a fazer parte do grupo ou para que outros pudessem aperfeiçoar os movimentos das coreografias) foram realizados na Sede da GJSB, no Espaço Mariana, no bairro Cinturão Verde, Boa Vista Roraima.

Os quadrilheiros entrevistados e que, portanto, relataram um resumo de sua trajetória no movimento quadrilheiro foram:

- a) Kenya Dourado, presidente do Grupo Junino Sinhá Benta;
- b) Nathana Lindey, noiva do grupo;
- c) Valú Cadete, rainha caipira do grupo;
- d) Valber Cadete, rei matuto do grupo; e,
- e) Mariana Ramos, Maria Bonita do grupo – destaque criado em função do tema do grupo para o Boa Vista Junina 2019: Bonitas Marias.

A presidente do grupo, Kenya Dourado, tem sete anos de quadrilha junina, iniciando no movimento quadrilheiro aos 13-14 anos, no grupo Zé na Roça, onde passou dois anos. Era uma quadrilha junina que ensaiava próxima a sua casa e como foi convidada por uma turma de amigos, resolveu aceitar o convite e já se apaixonou.

Como o grupo se desfz, ela passou a fazer parte da Quadrilha Explosão Junina, onde esteve também por dois anos, quando teve que ficar um tempo longe dos tablados, em função de ter engravidado de sua filha mais velha. Depois de um bom tempo parada, retornou ao movimento quadrilheiro, quatro anos atrás, já para fazer parte do Grupo Junino Sinhá Benta. Passou dois anos como brincante e no terceiro ano foi convidada para fazer parte da diretoria, especialmente pelo amor e pela dedicação ao grupo junino.

Em seu relato, a brincante comenta:

Amo dançar. Esse ano eu não iria participar, mas é muito forte, é maior do que eu. Então, resolvi dançar em cima da hora, mas tô ali dedicada. Às vezes, não tenho como ir aos ensaios, tem aquele esforço todo,

mas estamos ali. É o amor que a gente tem pela quadrilha e pela dança (DOURADO, 2019).

Figura 6 - Prancha fotográfica da brincante e presidente do Grupo Junino Sinhá Benta no Boa Vista Junina



Fonte: Arquivo pessoal da brincante.

A noiva do grupo, Nathana Lindey, tem oito anos de quadrilha. Começou no movimento quadrilheiro na Amor Caipira, entrando já no mês de abril, ou seja, já na correria, em função da proximidade do evento. No ano de 2012, ela foi a rainha da Amor Caipira, ganhando como rainha caipira no evento promovido pela Prefeitura e ficando em segundo lugar em evento promovido pelo Estado.

Assim, começou a sua trajetória dançando como rainha caipira. De 2011 a 2013 esteve na Amor Caipira e em 2014 ajudou na fundação do Grupo Junino Sinhá Benta, sendo a rainha caipira no primeiro ano da quadrilha. Neste ano, ela ficou em segundo lugar na FERQUAJ e foi

representar o Estado no Concurso Nacional⁴, ficando em quarto lugar entre as rainhas.

Em 2015 e 2017 não participou, por motivos pessoais, de nenhuma quadrilha junina. Porém, em 2016 foi noiva do Grupo Junino Sinhá Benta, embora não tinha tanto interesse neste ano de ser esse destaque. Neste ano, juntamente com o seu parceiro, ganhou como melhor casal de noivos da FERQUAJ e depois, no concurso nacional de noivos juninos, ganhou como melhor casal de noivos do Brasil pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ). Além disso, neste mesmo ano, também ganharam como melhor casal de noivos do Estado. Em 2018 também representou o grupo como noiva, o que foi repetido em 2019.

Durante o seu relato, a brincante pontua:

Como já fui apenas brincante, já fui rainha e já fui noiva, vejo que são posições bem diferentes. Como rainha você tem que se impor um pouco, tem que ser forte, por mais que você esteja na linha, você leva um cargo muito grande. Como brincante a gente tá ali porque gosta e a gente demonstra todo o amor pela quadrilha dançando. Como noiva é aquela história. A história do São João é a festa do casamento dos noivos. Não é ficar apenas pulando, brincando, pois é todo um trabalho por trás. No meu caso, eu crio as minhas sequências coreográficas que são dentro da quadrilha de acordo com o tema e também tem que estar mesclando com a quadrilha, não sendo igual coreograficamente, mas tendo uma semelhança dentro da quadrilha (LINDEY, 2019).

⁴ Anualmente, a Federação Roraimense de Quadrilhas Juninas realiza um evento que antecede o Boa Vista Junina. Neste evento, os destaques campeões, vinculados a essa Federação (casal de noivos, rainha caipira e rainha da diversidade), vão representar o Estado no Concurso Nacional, que é realizado anualmente, em um Estado diferente a cada ano.

Figura 7 - Prancha fotográfica da noiva do Grupo Junino Sinhá Benta no Boa Vista Junina (2016) e no Concurso da FERQUAJ (2018)



Fonte: Arquivo pessoal da brincante.

Valú Cadete tem quatro anos no movimento quadrilheiro, iniciando sua trajetória na Quadrilha Garranxê, na qual dançou por três anos (2016, 2017 e 2018), sendo dois anos em posição de destaque.

Como rainha obteve o título de segunda princesa no esquento junino 2018. No outro destaque, foi o braço direito da Maria Bonita na atuação e no desenvolvimento do espetáculo da quadrilha. Iniciou no Grupo Junino Sinhá Benta, especificamente, no final de julho de 2018, quando foi convidada pela quadrilha para fazer parte do nacional de quadrilhas, que aconteceu em Boa Vista. Este ano, recebeu o convite da quadrilha para representá-la como rainha. Na FERQUAJ 2019, ficou em quinto lugar.

No seu relato, a brincante ressalta que:

Ser quadrilheiro é mais que um figurino bonito. Vem desde o desenvolvimento do tema, da coreografia, da escolha das músicas, da representatividade, do brincante que se vira pra chegar aos ensaios e manter seu compromisso, de todos que privam seus fins de semana para fazer aquele espetáculo dá certo. É

importante que todos saibam que por detrás de um belo figurino, daquele sorriso, do belo espetáculo, houve muito choro, muita aflição (CADETE, 2019a).

Figura 8 - Prancha fotográfica da Rainha do Grupo Junino Sinhá Benta no Concurso da FERQUAJ (2019)



Fonte: R. Moreira.

Valber Cadete, em 2019, é o rei matuto do grupo. Está no seu quarto ano de quadrilha junina e menciona que, no início, achava quadrilha algo chato e feio. Com o tempo, passou a tomar gosto pela quadrilha e a se doar cada vez mais a cultura junina. Em 2016 e 2017 fez parte da Quadrilha Garranxê. Em 2018 e agora em 2019 está no Grupo Junino Sinhá Benta.

O brincante, em seu relato, enfatiza que:

É muito bom sentir como é importante dançar quadrilha para obter o que queremos, que em primeiro lugar é o título de campeão. Mas, eu acredito que melhor do que o título é poder passar uma mensagem bacana, poder contar uma história legal, conseguir transmitir o que a quadrilha queria passar, pois assim o público iria gostar (CADETE, 2019b).

Figura 9 - Prancha Fotográfica dos Irmãos (Valber e Valú), Rei e Rainha do GJSB, no BV Junina (2017), e, do Rei Matuto do GJSB, com sua parceira, no BV Junina (2018)



Fonte: Arquivo pessoal dos brincantes e Danka Fotografias.

Mariana Ramos está no movimento quadrilheiro há doze anos e começou sua trajetória junina aos nove anos de idade, no Grupo Folclórico Coração Caipira, no ano de 2008. Neste mesmo ano, fez suas duas apresentações oficiais, no tablado do Boa Vista Junina e do parque Anauá. Passou por outros grupos como Amor Caipira e Eita Junino.

Em 2013, foi fundada a quadrilha na qual está hoje, o Grupo Junino Sinhá Benta. No ano de 2015 foi escolhida para ser a rainha da quadrilha. Passou de 2015 a 2018 como este destaque. Em 2017, assim como em 2018, foi eleita a primeira princesa do arraial do Anauá. No ano de 2018, foi escolhida a rainha do Estado de Roraima, onde foi para Manaus concorrer com as rainhas de outros estados. Eram doze rainhas e ela ficou na sexta posição. Ainda como rainha, em 2019, fez sua última participação no concurso do arraial do esquentado junino⁵, onde conseguiu,

⁵ Arraial realizado, anualmente, pela Quadrilha Explosão Caipira, que antecede o Boa Vista Junina.

junto com o seu parceiro, ficar em primeiro lugar. Assim, encerrou, por enquanto, a sua trajetória como rainha.

Ainda neste ano de 2019, foi escolhida para representar Maria Bonita, no Grupo Junino Sinhá Benta, onde fará uma apresentação, juntamente com o seu parceiro, relacionada ao tema da quadrilha.

Figura 10 - Prancha fotográfica da Rainha do Grupo Junino Sinhá Benta na FERQUAJ (2018) e no Boa Vista Junina (2018)



Fonte: Arquivo pessoal da brincante.

Os brincantes destaques entrevistados caracterizam-se aqui como emissores, representando o Grupo Junino Sinhá Benta, da mensagem (ou mensagens) a ser transmitida por meio da temática levada ao tablado. A (s) mensagem (ns) do tema em questão é transmitida não só pela história contada durante o espetáculo, mas por meio também das músicas, das coreografias, dos figurinos, dos adereços, dos cenários produzidos especialmente para retratar, com veracidade, o tema abordado. Além disso, a de se considerar, também, como elemento de emissão da (s) mensagem (ns) as expressões dos brincantes durante a apresentação.

Valú Cadete, em sua fala, retrata a importância dos brincantes entrarem no personagem, de forma a trazer o público para fazer parte do espetáculo. A brincante destaca que:

Não é só dançar por dançar. Não é só decorar uma coreografia. Você pode acertar tudo nos ensaios e na hora, no tablado, errar tudo. O segredo é se entregar ao personagem. Na hora da apresentação eu não sou a Valú. Eu sou a rainha caipira do Grupo Junino Sinhá Benta. Tem que vestir a camisa literalmente. E detalhe: sou a rainha até determinado ponto. Quando chegar a hora de representar a Maria da Penha, tenho que internalizar a personagem e transmitir toda a emoção para o público. Temos que sorrir durante a apresentação, para mostrar a simpatia da quadrilha. Mas, quando tiver que chorar, temos que chorar. Assim, o público sentirá, de fora do tablado, àquilo que realmente queremos passar, em cada parte da apresentação (CADETE, 2019a).

Segundo dados da PMBV (2019, p. 74), e especificamente de relatos do responsável principal pelo espetáculo deste ano (coreógrafo do GJSB), o grupo apresenta o tema “Bonitas Marias”. A ideia com este tema é a de levar ao tablado uma seleção de contos representados pela figura da Maria. Assim, o lúdico irá transpor o universo da cultura popular para as festas juninas sem, no entanto, perder a autenticidade.

Neste sentido, Maria, que é a protagonista central do espetáculo, irá em busca de sua identificação em andanças pelo Nordeste brasileiro dentro da rica e alegre festa do São João (PMBV, 2019, p. 74).

Assim, considerando o tema do grupo, cada detalhe do espetáculo foi pensado na perspectiva de transmitir essa mensagem, ao mesmo tempo em que vislumbrava atender aos quesitos de avaliação dos jurados do concurso de quadrilhas juninas como, por exemplo, a realização do casamento caipira e a obrigatoriedade dos passos tradicionais (exemplo: grande roda, túnel, entre outros).

É importante destacar que a preocupação com a temática a ser abordada é muito grande, sendo reforçada em cada ensaio realizado pelo grupo, uma vez que o desenvolvimento do tema é um dos itens a ser avaliado pelos jurados e, principalmente, considerando a importância da história, no tablado, ser apresentada com coerência e, claro, com início, meio e fim.

Quanto ao tema e a mensagem a ser repassada, Kenya Dourado, ressalta que:

O São João em si retrata essa questão de dias melhores. A Sinhá vem este ano com o objetivo de emocionar, contando a história de diferentes Marias, sendo que a Maria que busca a sua identidade é retratada, principalmente, por nossa noiva, mas tem a rainha caipira (representando a Maria da Penha), apresentando um final emocionante, e a Maria Bonita que é retratada por uma de nossas brincantes, que já foi destaque outras vezes. Ou seja, queremos falar de fé. De esperança. Queremos emocionar (DOURADO, 2019).

O enredo, juntamente com a música tema do grupo – que leva o mesmo nome do tema, Bonitas Marias, sendo uma composição de André Paiva e Rainei Prestes e interpretada por Irlan Guimarães (PMBV, 2019, p. 74) –, engloba diferentes religiões como, por exemplo, candomblé e católica e retrata desde a Maria Bonita, tão conhecida no Nordeste como a mulher responsável por “domar” o coração de Lampião, até Maria da Penha, mulher que hoje é líder de movimentos de defesa aos direitos das mulheres e foi vítima emblemática da violência doméstica, sendo que a partir dela deu-se origem a Lei Maria da Pena - Lei Federal n. 11.340, de 07 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006).

Figura 11 - Rainha Caipira do Grupo Junino Sinhá Benta representando Maria da Penha no Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Jackson Souza.

No tablado, o foco principal do grupo junino era emocionar a todos que fossem prestigiar a apresentação. Durante o espetáculo, no último dia 21 de junho de 2019, foi possível perceber, em vários momentos, a manifestação do público presente no evento, interagindo com o que estava acontecendo no tablado, especialmente por meio de aplausos e, inclusive, de lágrimas, dentro e fora do tablado.

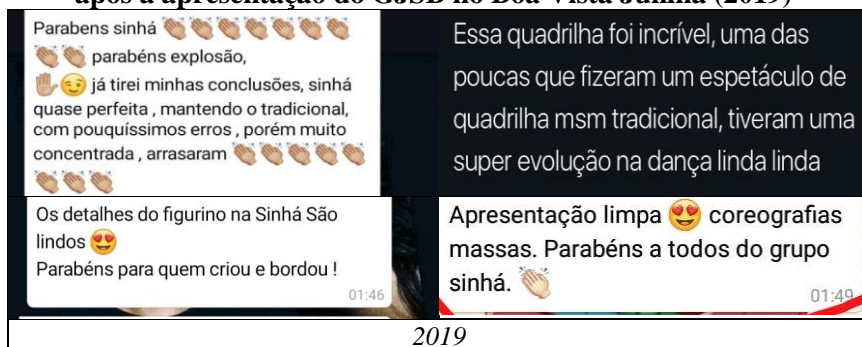
Sobre a recepção do público ao espetáculo do grupo, Nathana Lindey ressalta que:

Eu sabia que o espetáculo iria emocionar. Pelos ensaios já era certo de que a emoção iria tomar de conta do tablado e da arena de apresentação. Mas, sentir essa emoção no tablado, com a interação do público reagindo a cada dança, a cada encenação é

demaís. É uma sensação maravilhosa de dever cumprido (LINDEY, 2019).

Após a apresentação no tablado, foi possível obter o retorno do público por meio de mensagens direcionadas ao GJSB e, também, aos brincantes pontualmente.

Figura 12 - Prancha fotográfica do retorno do público após a apresentação do GJSB no Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Mensagens trocadas via WhatsApp e Twitter.

Dentre as mensagens transmitidas pelo espetáculo estão: a fé (independente da crença ou da religião), a busca pela identidade (na perspectiva de que ao longo da caminhada continuamente estamos em processo de transformação, de adaptação, de autoconhecimento) e a esperança por dias melhores.

Sobre a mensagem do grupo por meio do tema apresentado no tablado, Valber Cadete destaca que:

Eu quero ser campeão. Afinal, quem não quer, não é mesmo? Mas, acima de tudo eu, quando estiver dançando, quero sentir a energia do público presente.

Eu quero sentir a emoção do público a cada dança apresentada, pois trabalhamos muito para trazer muita emoção (CADETE, 2019b).

No grupo junino, as mensagens que são desenvolvidas durante a realização dos ensaios e dos eventos realizados ao longo da preparação para o Boa Vista Junina e que são repassadas durante o espetáculo, são: a união (por meio da evidenciação do trabalho em equipe), a garra (no sentido de garantir a execução do trabalho), o respeito (contribuindo para uma aceitação coletiva, de forma a incluir todos, independentemente de qualquer segmentação: religião, orientação sexual, etc.), a persistência (em função dos vários obstáculos que surgem ao longo da trajetória) e a superação (uma vez que por vários momentos o pensamento de desistir vem às nossas mentes).

Essas mensagens que podem ser consideradas internas ao grupo e que são externalizadas ao público, por meio da apresentação do espetáculo, foram destacadas na fala da Mariana Ramos. A brincante afirma que:

A apresentação foi linda. Que espetáculo, literalmente. E isso só foi possível porque cada brincante fez a sua parte: nos ensaios, na sede, preparando o figurino, produzindo os adereços, enfim. Sabemos que uns se empenharam bem mais que outros. Mas, cada um, a sua maneira, deu a sua contribuição para que pudéssemos subir no tablado e fazer bonito. Se vamos ganhar, não sabemos. Mas, acredito que demos o nosso recado (RAMOS, 2019).

Nessa perspectiva de multiplicidade de mensagens, de sentidos e de ressignificação dos momentos antes, durante e depois do espetáculo, Lima (2002, p. 47) destaca que “a festa junina é um jogo de relações, disputas, conflitos e fantasias criadas na e para a festa. É o lugar de criação

e desenvolvimento de sensibilidades, que precisam ser desvendadas e recompostas em seus múltiplos discursos e práticas”.

Chianca (2013, p. 85), ressaltando a ideia de união e de respeito, destaca que “[...] nesse campo político cultural de grande significação simbólica a ação dos grupos de quadrilha não se resume ao consumo de alguns produtos culturais, mas compreende a concepção e execução de um projeto coletivo”.

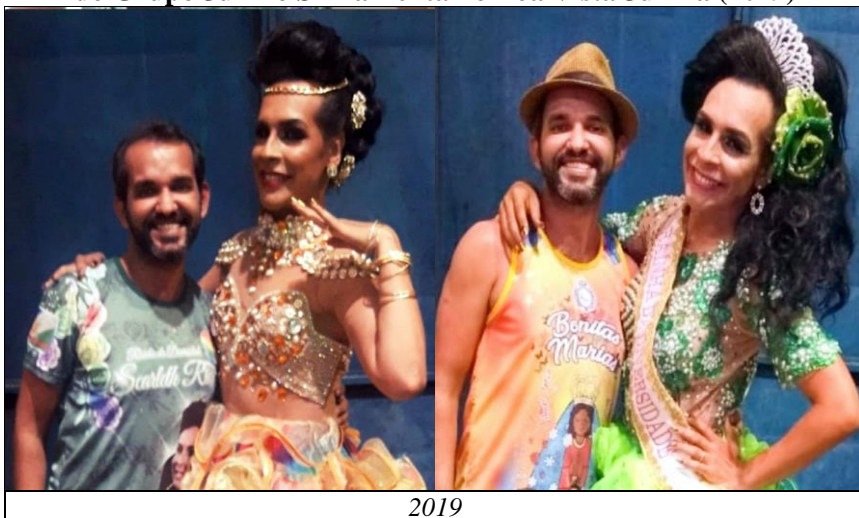
Figura 13 - Frase veiculada na mídia, utilizada pelo GJSB durante a preparação para o Boa Vista Junina (2019), retratando a união



Fonte: Jackson Souza.

Ademais, na perspectiva do respeito, cabe destacar que o grupo, assim como em outras quadrilhas juninas, abre espaços para todos os gêneros.

Figura 14 - Prancha fotográfica da Rainha da Diversidade do Grupo Junino Sinhá Benta no Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na verdade, essa é uma prática do movimento quadrilheiro, que é consolidada, por exemplo, por meio da realização do concurso de Rainha da Diversidade. Não é raro, portanto, encontrar, nos grupos juninos, homossexuais, ora dançando como homem, ora dançando como mulher.

Destaca-se que durante a apresentação do grupo junino, assim como dos demais, é como se a arena junina passasse a ser um novo ambiente, como se fosse criada uma nova atmosfera, na qual todos os presentes estariam inseridos, vivenciando, por meio do espetáculo, aquele novo ambiente que é reconfigurado a cada apresentação. Isso é retratado, inclusive, durante a dinâmica das apresentações, quando o apresentador do evento, especificamente do concurso de quadrilhas, informa o tempo de dez minutos que o grupo a se apresentar tem para preparar o tablado, com os cenários e com os adereços necessários, e organizar a quadrilha junina.

Segundo Lucena Filho (2012, p. 22), “o evento festivo é o local onde se encontram enunciadores e receptores para construir e reconstruir sentidos. É o espaço de socialização. Estes eventos se reconfiguram constantemente e demarcam o cotidiano das pessoas”.

Destaca-se aqui que essa (s) atmosfera (s) criada (s) na arena junina a cada apresentação também é transferida por meio da comunicação de massa, seja para as casas de espectadores, seja para qualquer outro local, tendo em vista os recursos tecnológicos existentes. Isso ocorre porque por meio das gravações e das transmissões ao vivo, de emissoras de rádio e de televisão – ou, até mesmo, por meio de transmissões ao vivo via Facebook, por exemplo –, as apresentações dos grupos juninos são veiculadas para àqueles que não estão presentes na arena junina.

O figurino⁶ escolhido para representar o tema da quadrilha junina, deve ser bonito, criativo e, claro, trazer elementos que retratem o tema. Além disso, deve ser confortável, garantindo aos brincantes adequada movimentação durante a realização das encenações e das coreografias necessárias ao desenvolvimento do tema no tablado.

Figura 12 - Prancha fotográfica do figurino do Grupo Junino Sinhá Benta para o Boa Vista Junina (2019)



Fonte: Jackson Souza e arquivo pessoal dos brincantes.

⁶ O figurino do GJSB, em 2019, apresenta elementos tradicionais como a chita e os fuxicos, sem perder o tom contemporâneo. A fé é retratada pela Santa nas costas do macacão dos homens e os crucifixos utilizados pelas meninas nos colares e pelos meninos no lenço utilizado no pescoço.

Tanto a criatividade quanto o desenvolvimento do tema são itens de avaliação dos jurados durante a realização do concurso. Assim, em síntese, pode-se considerar um figurino que não perca a tradicionalidade dos festejos juninos, mas que também não deixem de apresentar os elementos contemporâneos.

Benjamin (2004, p. 25) ressaltando o aspecto da tradicionalidade enfatiza que “[...] a aceitação coletiva, a tradicionalidade, a dinamicidade, a funcionalidade e a espontaneidade são características que devem ser consideradas nas manifestações populares e folclóricas”.

Ainda segundo o autor, no que se refere à criatividade ele pontua que:

É a criatividade e originalidade que transformam os festejos, fazendo com que os mesmos não se mantenham no tempo de forma engessada e imutável (BENJAMIN, 2004, p. 25).

Nesse sentido, Giddens (2007, p. 51) enfatiza que “a ideia de que a tradição é imutável é mito. As tradições evoluem ao longo do tempo e podem ser alteradas e transformadas de maneira brusca e repentina, elas são inventadas e reinventadas acompanhando os aspectos sociais nos quais estão inseridas”.

Assim, considerando que a quadrilha junina constrói identidades visuais, por meio do espetáculo de forma geral e de elementos específicos como, por exemplo, adereços e figurino, e identidade musical, por meio da trilha sonora definida para o espetáculo, é estabelecida, por intermédio dessas identidades, uma relação entre àqueles que assistem (público), àqueles que dançam (brincantes) e, inclusive, a geração futura, no sentido de transformação, de mutação e de perpetuação dessas manifestações culturais.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Os festejos juninos representam uma das festas mais tradicionais do país. Em todos os estados brasileiros, cada um do seu jeito e com todas as suas particularidades, o São João é devidamente comemorado e, porque não dizer, ganha novos adeptos que não resistem a uma comida típica à base de milho ou a um forró de pé de serra.

Boa Vista tem conquistado o seu espaço no cenário junino nacional e, a cada ano, tem se estruturado para fazer um São João ainda melhor e maior, sempre com muita inovação e muita ousadia, especialmente quando se considera o concurso de quadrilhas juninas.

O Boa Vista Junina é o principal evento no período do São João, em Boa Vista, capital de Roraima. Em 2019, com sua 19ª edição, promove muita diversão e alegria para os participantes.

Buscou-se neste livro, na perspectiva da Folkcomunicação, teoria de Luiz Beltrão, analisar o evento Boa Vista Junina, enquanto manifestação popular, de expressão cultural, na percepção do Grupo Junino Sinhá Benta, quadrilha junina do grupo especial participante do concurso.

Com base neste objetivo central, buscou-se: a) refletir alguns aspectos que estão relacionados à produção, à mensagem e à recepção do Grupo Junino Sinhá Benta como um processo comunicacional; b) analisar como o público ressignifica o Boa Vista Junina; e c) identificar os sentidos que são elaborados sobre o evento, na percepção dos brincantes/público.

Tais objetivos foram elaborados no sentido de responder a seguinte problemática: de que maneira o Grupo Junino Sinhá Benta pode ser compreendido como um processo de comunicação de acordo com a matriz teórica da Folkcomunicação?

Luiz Beltrão (2001, p. 17), criador da Teoria da Folkcomunicação, ressalta que essa teoria se refere a “ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes

de massa através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore”.

Neste sentido, compreendendo a cultura como um processo de interação e que essa interação, na perspectiva da Folkcomunicação, está relacionada ao processo de comunicação e manifestações populares, dentre elas os festejos juninos, foi possível perceber que o evento Boa Vista Junina, no olhar do Grupo Junino Sinhá Benta, apresenta a circularidade emissor, mensagem, receptor, especialmente pelas temáticas que são apresentadas por cada quadrilha quando da realização dos seus respectivos espetáculos.

No caso do GJSN (emissor), a mensagem central do tema 2019 (Bonitas Marias) engloba os elementos: fé, esperança e emoção, por meio da história contada no tablado, retratada por encenações, por músicas, por coreografias e, até mesmo, pelo figurino dos envolvidos. Tal mensagem, quando recebida pelo público, apresenta diferentes reações. De imediato, durante a apresentação do espetáculo, foi possível ouvir gritos de manifestações, aparentemente, positivas frente ao que estava se passando no tablado, além de lágrimas e aplausos.

Pode-se considerar que os festejos juninos, o movimento quadrilheiro e as quadrilhas juninas, dentro do contexto evidenciado, se configuram como importantes aspectos para a consolidação da cultura popular, que envolve várias funções, dentre elas a social, promovendo a interação dos grupos articulada com tecnologias que intensificam o processo comunicacional.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. M. “Por uma epistemologia transmetodológica no campo da comunicação”. **Anais do Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XX Encontro da Compós**, Porto Alegre: UFRGS, 2011.

AMARAL FILHO, O.; LEÃO, B. C.; PELAES, L. T. S. “Surrealidade cotidiana: a teatralização do imaginário amazônico nos espetáculos dos grupos de cordão de pássaros”. **Aturá – Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, vol. 3, n. 1, 2019.

AMPHILO, M. I. “Fundamentos teóricos da folkcomunicação”. **Revista C&S**, vol. 35, n. 1, 2013.

BARRETO, L. A. “O folclore como discurso”. *In*: BARRETO, L. A. (org.). **Anais do Encontro Cultural de Laranjeiras**. Aracaju: Fundação Estadual da Cultura, 1994.

BARROSO, H. C.; FROTA, F. H. S. “Uma alternativa de mobilização social: caracterizando a festa junina para além da espetacularização”. **Anais do XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste**. Teresina: UFPI, 2012.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Editora UEMESP, 2004.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estilo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BENJAMIN, R. “Principais conceitos de Folkcomunicação: Folclore”. *In*: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

BENJAMIN, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha do Folclore, 2004.

BERNARDES, C.; MARCONDES, R. **Sociologia aplicada à administração**. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

BOTELHO, I. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 07 de agosto, 2006**. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acesso em: 23/06/2019.

BREGUEZ, S. “Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil”. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, n. 1, 2003.

CADETE, V. “Cultura popular e festejos do Boa Vista Junina: um estudo na perspectiva da Folkcomunicação”. **Entrevista de Valú Cadete concedida a Hudson do Vale de Oliveira** [02/06/2019]. Boa Vista: UFRR, 2019a.

CADETE, V. “Cultura popular e festejos do Boa Vista Junina: um estudo na perspectiva da Folkcomunicação”. **Entrevista de Valber Cadete concedida a Hudson do Vale de Oliveira** [02/06/2019]. Boa Vista: UFRR, 2019b.

CARVALHO, J. “Milhares de espectadores prestigiam o maior arraial da Amazônia”. In: **Guia Anarriê: A chama que aquece o meu coração**. Boa Vista: SEMUC, 2019.

CATENACCI, V. “Cultura popular: entre a tradição e a transformação”. **São Paulo em Perspectiva**, vol. 15, n. 2, 2001.

CERVI, E. U. “Principais conceitos de Folkcomunicação: Líder de opinião”. In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIANCA, L. O. **São João na cidade: ensaio e improviso sobre a festa junina**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**, v. 1. (Artes de fazer). Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

DEMETRIO, E. “Da diáspora: A formação dos estudos culturais e o deslocamento da questão cultural”. **Cadernos Imbondeiro**. vol. 1, n. 1, 2000.

DOURADO, K. “Cultura popular e festejos do Boa Vista Junina: um estudo na perspectiva da Folkcomunicação”. **Entrevista concedida a Hudson do Vale de Oliveira** [02/06/2019]. Boa Vista: UFRR, 2019.

FERNANDES, H. J. C. **Etnografia visual das mangabeiras nas matas do tabuleiro costeiro** (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Natal: UFRN, 2009.

FRANÇA, V. V. “Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?” **Ciberlegenda**, n. 5, 2001.

GIDDENS, A. **O mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOBBI, M. C. “Folkcomunicação: uma década de contribuição da cátedra Unesco / Metodista de Comunicação”. **Anuário Unesco / Metodista de Comunicação Regional**, ano 11, n. 11, janeiro/dezembro, 2007.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOHLFELDT, A. “Luiz Beltrão: o profissional de jornalismo e o preparador de jornalistas”. In: BELTRÃO, L. (org.) **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informações dos fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

HOHLFELDT, A. “Estudos culturais, pós-modernidade e teoria crítica”. **Revista Famecos**, n. 13, dezembro, 2000.

HOHLFELDT, A. “Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século”. **Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional**, v. 1, n. 5, 2002.

HOLANDA, B. F. **Breve análise do jornalismo cultural nos jornais impressos do município de Boa Vista** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social). Boa Vista: UFRR, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 10/06/2019.

JARDIM, E. N.; MARTINS, B. de C.; BORGES, N. K. B.; MARINHO, T. B.; FRANCO, C. F. M. “Comunicação, lugar e comunitarismo nas Festas Juninas em Tocantinópolis, Tocantins”. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2016.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, C. A. F.; LUCHT, J. M. P.; SOUZA, M. I. A. R. “A primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira: o legado de Luiz Beltrão”. **Anais do Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo: INTERCOM, 2007.

LIMA, E. C. A. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Editora Ideia, 2002.

LINDEY, N. “Cultura popular e festejos do Boa Vista Junina: um estudo na perspectiva da Folkcomunicação”. **Entrevista concedida a Hudson do Vale de Oliveira** [02/06/2019]. Boa Vista: UFRR, 2019.

LUCENA FILHO, S. A. **Festa junina em Portugal: marcas culturais no contexto do Folkmarketing**. João Pessoa: Editora UFPB, 2012.

MALDONADO, A. E. “A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI”. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO, N. (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

MALDONADO, A. E. “Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica”. **Ciberlegenda**, n. 9, 2002.

MALDONADO, A. E. “Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural”. **Revista Intexto**, n. 34, setembro/dezembro, 2015.

MELO, J. M. “As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI”. **Revista acadêmica de pós-graduação**, vol. 3, n. 6, 2000.

MELO, J. M. “Introdução”. *In: Luiz Beltrão – Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informações dos fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

MELO, J. M. “Principais conceitos de Folkcomunicação: Folkcomunicação”. *In: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (orgs.). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

MENESES, V. D. **O Brasil e os brasis na televisão aberta regional**. Palmas: EdUFT, 2015.

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: propostas de políticas para o território sul de Roraima**. Rorainópolis: MDA, 2010.

MINTZ, S. W. “Cultura: uma visão antropológica”. **Revista Tempo**, vol. 14, n. 28, 2009.

MOUTINHO, L. M. G. Sistema inovativo cultural no nordeste brasileiro: “O maior São João do mundo” *In: CASSIOLATO, J. E.; MATOS, M. P. de.; LASTRES, H. M. M. (Orgs.). Arranjos Produtivos Locais: uma alternativa para o desenvolvimento – criatividade e cultura*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Anarriê Cultural**. Boa Vista: SEMUC, 2016.

PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Guia Anarriê: A chama que aquece o meu coração**. Boa Vista: SEMUC, 2019.

PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Guia Anarriê: A vida nas cores da alegria**. Boa Vista: SEMUC, 2018.

PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Guia Anarriê**: Boa Vista, Roraima: o Brasil começa aqui! Boa Vista: SEMUC, 2017.

RAMOS, M. “Cultura popular e festejos do Boa Vista Junina: um estudo na perspectiva da Folkcomunicação”. **Entrevista concedida a Hudson do Vale de Oliveira** [02/06/2019]. Boa Vista: UFRR, 2019.

RENÓ, D. P. “Principais conceitos de Folkcomunicação: Agentes folkcomunicacionais”. *In*: GADINI, S. L.; WOITOWICZ, K. J. (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa Editora UEPG, 2007.

RIOS, S. “O maior arraial da Amazônia é feito com muito planejamento, compromisso e amor”. *In*: PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Guia Anarriê**: A chama que aquece o meu coração. Boa Vista: SEMUC, 2019.

SÁ, A. B. S. **A elitização da cultura roraimense** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social). Boa Vista: UFRR, 2009.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SCHMIDT, C. “Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar”. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, n. 3, 2004.

SERAFIM, F. P. **O livro na revista**: como revistas semanais brasileiras e portuguesas abordam livros e literatura (Dissertação de Mestrado em Comunicação, Artes e Cultura). Minho: UM, 2015.

SILVA, J. M. “Ainda existe o popular?” *In*: **Luiz Beltrão** – Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informações dos fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

SILVA, J. H. **Quadrilha Junina Babaçú**: Processos Folkcomunicacionais, identidade e representações culturais (Dissertação de Mestrado em Estudos da Mídia). Natal: UFRN, 2017.

SILVA, R. M. A. **A viabilidade da criação de uma revista cultural no mercado de Boa Vista** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social). Boa Vista: UFRR, 2011.

SOUSA, N. “Boa Vista Junina deve movimentar mais de R\$ 12 milhões na economia do município”. PMBV - Prefeitura Municipal de Boa Vista. **Guia Anarriê: A chama que aquece o meu coração**. Boa Vista: SEMUC, 2019.

SOUSA, A. L. “A festa junina em Campina Grande/PB: Folkcomunicação e simulações no Arraial Sítio São João”. **Anais do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação**. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

TRIGUEIRO, O. M. “O São João de Campina Grande/PB na mídia: um estudo de Folkcomunicação”. **Anais do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: USP, 1998.

VEDOVATO, E. L. **Comunicação em quadrilhas juninas profissionais: uma análise de investimento e organização nos grupos do Distrito Federal e Entorno** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação Social). Brasília: UCB, 2014.

WINKIN, Y. **A nova comunicação** – da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Editora Papirus, 1998.

ZIVIANI, P. “Comunicação e cultura no campo dos estudos culturais”. **Revista C&S**, vol. 39, n. 2, maio/agosto, 2017.

SOBRE O AUTOR

SOBRE O AUTOR



Hudson do Vale de Oliveira é professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), Campus Boa Vista Zona Oeste (CBVZO). Bacharel em Agronomia, Administração e Comunicação Social, mestre e doutor em Agronomia, bem como especialista em Gestão de Cooperativas e doutorando em Administração. Faz parte do Núcleo de Inovações Sociais na Esfera Pública (NISP), atuando, também, no Observatório de Inovação Social de Florianópolis (OBISF). Email para contato: hudson_vale@yahoo.com.br

COLEÇÃO

Comunicação & Políticas Públicas

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), está à frente do selo coleção “Comunicação & Políticas Públicas” e recebe propostas de livros a serem publicados em fluxo contínuo em qualquer período do ano.

O texto que for submetido para avaliação deverá ter uma extensão de no mínimo de 40 laudas e no máximo 150 laudas configuradas obrigatoriamente em espaçamento 1,5, letra Times New Roman e tamanho de fonte 12. Todo o texto deve seguir as normas da ABNT.

Os elementos pré-textuais como dedicatória e agradecimento não devem constar no livro. Os elementos pós-textuais como biografia do autor de até 10 linhas e referências bibliográficas são obrigatórios. As imagens e figuras deverão ser apresentadas em arquivos separados, de maneira que ao longo do texto do livro sejam apenas indicados os espaços onde serão inseridas. As imagens deverão ser nomeadas e numeradas conforme os espaços indicados no texto.

A submissão do livro deverá ser realizada por meio do envio online de arquivo documento (.doc) em Word for Windows 6.0 ou versão mais recente. O autor ou autores devem encaminhar para o e-mail nupsbooks@gmail.com três arquivos: a) formulário de identificação do autor e da obra, b) livro com sumário no formato Word for Windows 6.0 ou versão mais recente, e, c) via escaneada de carta de autorização assinada pelo (s) autor (es) atestando que cede(m) seus direitos autorais da obra para a editora da Universidade Federal de Roraima.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Coleção “Comunicação & Políticas Públicas”

Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS)

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Campus Paricarana

Bloco 1. Sala 179. Av. Cap. Ene Garcez, n. 2413.

Bairro Aeroporto. Boa Vista, RR.



+ 55 (95) 981235533 /



nupsbooks@gmail.com



www.livroeletronico.net

